



Os Salgueiros  
Algernon Blackwood

EXILADO DOS  
LIVROS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**ALGERNON  
BLACKWOOD**

**Os  
Salgueiros**

**Tradução de Heloisa Seixas  
Título original: The Willows (1907)**

**EXILADO DOS  
LIVROS**

# **Os Salgueiros**

# CAPÍTULO I

---

DEPOIS DE PASSAR por Viena, mas muito antes de chegar a Budapeste, o Danúbio percorre uma região especialmente desolada e solitária, onde suas águas se espalham em todas as direções, saindo do leito principal e formando um gigantesco pântano que, por muitos quilômetros, é inteiramente recoberto de salgueiros. Nos mapas, essa área desértica costuma ser representada por um azul desmaiado, que se torna ainda mais claro a partir das margens, tendo sobre a região, impressa em letras grandes e espaçadas, a palavra *Sumpfe*, que quer dizer fronteira.

Quando há cheia, essa enorme área composta de areia, cascalho e de pequenas ilhas cobertas por salgueiros é quase totalmente tomada pela água. Mas no resto do ano as copas dos salgueiros, debruçadas e batidas pelo vento, sussurram, exibindo ao sol folhas cor de prata, num movimento incessante de rara beleza. Esses salgueiros não têm a dignidade das outras árvores pois, sem tronco rígido, tornam-se arbustos humildes, de copa arredondada e fluida, balançando-se em suas hastes frágeis diante da mínima brisa. São dóceis como um gramado e seu ondear contínuo dá a impressão de que o prado intento se move — como se estivesse *vivo*. Isto porque o vento provoca ondas que sobem e descem na superfície, ondas de folhas e não de mar, vagas verdes como as marinhas, até os galhos se contorcem, erguendo-se, e o prateado da parte interna das folhas é exposto ao sol.

Feliz por transpor o limite de suas garras, o Danúbio ali se espraia à vontade, numa intrincada trama de canais que ligam as ilhas por toda parte. A água corre borbulhante em largos leitos, formando rodamosinhos, correntes e espuma, chocando-se contra as margens, carregando terra e folhagens para formar novas ilhotas, inúmeras, que a cada dia mudam de formato e tamanho, com sua vida efêmera, já que são as correntes d'água que determinam sua existência.

Para ser exato, essa parte fascinante do rio começa logo depois de Pressburg e nós, em nossa canoa canadense, levando a bordo barraca e frigideira, chegamos lá durante uma cheia, em meados de julho. Naquela manhã, com o céu ainda avermelhado pela aurora, havíamos deixado Viena, cidade adormecida, que logo se reduziria a uma coluna de fumaça sobre as colinas azuis do Wienerwald, estampadas no horizonte. Tomamos café abaixo de Fischamend, junto a um bosque de bétulas mexidas pelo vento. Depois, entramos na corrente e passamos por Orth, Hainburg, Petronell (a Carnuntum da Roma Antiga de Marco Aurélio), seguindo junto às colinas sombrias de Theben num dos paredões dos montes Carpáticos, onde a fronteira se insinua, à esquerda, e onde se cruza a divisa entre a Áustria e a Hungria.

Remando a doze quilômetros por hora, logo estávamos em território húngaro, onde as águas lamacentas — sinal inequívoco de cheia — nos jogaram várias vezes contra o cascalho das margens, girando a canoa em rodamosinhos como se fosse uma rolha, até avistarmos as torres de Pressburg (em húngaro, Poszóny) contra o céu. Nesse ponto, a canoa, empinando como um cavalo bravo, disparou junto às muralhas cinzentas, atravessou em segurança as ondas provocadas pelo *ferry* de Fliegende Brucke, fez uma súbita curva à esquerda e mergulhou na espuma amarela, em direção às ilhas desertas, aos bancos de areia, ao pântano — à terra dos salgueiros.

A mudança foi instantânea, como quando estamos projetando fotos de uma cidade e o cenário muda sem aviso para um lago ou uma floresta. Num instante estávamos em território desolado e em menos de meia hora já não se avistava barco, cabana de pesca, telhado vermelho ou qualquer outro sinal de civilização ou de presença humana. A sensação de estar longe da humanidade, o isolamento máximo, o fascínio exercido por esse mundo de salgueiros, águas e ventos tiveram sobre nós um poder imediato. Tanto que nos dissemos,

rindo, que deveríamos ter apresentado alguma espécie de passaporte, em vez de, audaciosamente, ter penetrado naquele pequeno reino de magia e sonho — um reino reservado aos que tinha permissão para estar ali, cheio de avisos implícitos para os forasteiros com imaginação para percebê-los.

Embora a tarde apenas começasse, o vento que já chicoteava com violência nos deixou cansados e logo começamos a procurar um lugar adequado para acampar e passar a noite. Mas a região, por suas características, nos desorientava e não conseguíamos encostar a canoa. Os rodamos nos jogavam em direção à margem e depois nos devolviam à corrente, os ramos dos salgueiros feriam nossas mãos quando tentávamos segura-los para parar o barco e percorrermos um bom trecho de água junto aos bancos de areia até que uma forte lufada de vento lateral nos empurrou para um recanto e conseguimos afinal atracar, erguendo uma nuvem de água com a proa.

Rindo muito e ofegantes com tamanho esforço, caímos ali na areia quente, ao abrigo do vento, sob um sol escaldante e um céu do mais absoluto azul, enquanto à nossa volta, cercando-nos por todos os lados, um imenso exército de salgueiros dançava e gemia, as folhas cor de prata cintilando em agitação, como se fossem milhares de mãozinhas aplaudindo nossa proeza.

— Que rio! — disse para meu companheiro, pensando em todo o percurso que havíamos feito desde a Floresta Negra e em como, no começo de junho, muitas vezes fôramos obrigados a empurrar o barco para vencer os bancos de areia.

— Ele não vai nos pregar nenhuma peça, vai? — disse meu amigo, puxando o barco um pouco mais para cima, onde estaria seguro, e em seguida se ajeitando para descansar.

Deitei-me de lado na areia e, sentindo com prazer a força dos elementos — água, vento, areia, o forte calor do sol —, pensei na longa jornada já feita, no rio imenso que se estendia à nossa frente até o mar Negro e em como era um homem de sorte por ter um companheiro de viagem como meu amigo, o Sueco.

Já fizéramos juntos outras jornadas como aquela, mas o Danúbio, mais do que qualquer outro rio que conhecíamos, nos impressionara desde o início porque, acima de tudo, parecia estar *vivo*. Desde sua tímida e borbulhante entrada no mundo, por entre os jardins de

pinheiros de Donaueschingen, até esse trecho em que começava a se transformar um grande rio, brincando de se espalhar pelos pântanos, solitário e sem limites, ele sempre no fizera sentir como se seguíssemos os rastros de uma criatura viva. Sonolento, a princípio, mas depois repleto de loucos desejos, à medida que tomava consciência de alma profunda, ele rolava, com um ser imenso e fluido, através dos países que percorríamos, sustentando em seus ombros nosso pequeno barco, brincando conosco, às vezes com rudeza, mas sempre amistoso, até que findamos por encará-lo, inevitavelmente, como o Grande Personagem.

Como poderia ser diferente com o tanto que ele nos contara sobre sua vida secreta? À noite, quando nos deitávamos em nossa tenda, o ouvíamos cantar ao luar, proferindo para si mesmo a nota singular e sibilante provocada pelo arrastar dos seixos em seu leito, tal a velocidade das águas.

Conhecíamos, também, os sons gorgolejantes de seus rodamosinhos, brotando de repente na superfície da outrora calma; o troar da água nos bancos de areia, o som das corredeiras caudalosas; seu ruído constante sobrepondo-se a todos os outros sons; o roçar incessante de suas águas geladas nas margens. Como parecia erguer-se e gritar quando a chuva caía sobre a superfície! E como seu riso ecoava enquanto o vento batia contra a corrente, ameaçando contê-lo! Conhecíamos já todos aqueles sons e vozes, suas cascatas e espumas, o bater inútil contra as pontes, o diálogo consciente quando havia colinas por perto; a dignidade afetada de seu discurso quando atravessava as cidades, circunspecto diante de sua importância, e conhecíamos, também, todos aqueles sussurros suaves, doces, que dele se desprendiam quando o sol incidia sobre suas águas numa curva, despejando-se sobre ele e fazendo surgir as brumas.

Era cheio de truques, jovem ainda, quando o mundo pouco conhecia. Havia trechos junto à nascente, perto das florestas Suábias, onde nem seus primeiros sussurros eram ouvidos, trechos em que o rio se escondia em fendas no solo para reaparecer mais adiante, brotando das rochas de calcário e recomeçando seu curso com um outro nome; trechos onde o rio deixava tão pouca água sobre o leito que tínhamos de caminhar montanha acima ou chapinhar nas águas empurrando a canoa por quilômetros e quilômetros e bancos de areia.



Um prazer especial tinha ele, naqueles dias de juventude irresponsável, em colar-se ao leito antes que os afluentes turbulentos vindos dos Alpes o encontrassem, recusando-se a recebe-los, ignorando-os, correndo lado a lado com as águas estranhas por quilômetros, a linha divisória bem marcada, muitas vezes mantendo mesmo níveis diferentes, recusando-se a aceitar as águas forasteiras. Mas logo abaixo de Passau abria mão desse truque, porque ali as águas novas chegavam com força irreprimível, impossível de ignorar, empurrando e incomodando o rio-pai, deixando pouco espaço para ambos no leito estreito e sinuoso. Ali, o Danúbio era jogado para lá e para cá contra os rochedos, forçado a correr em grandes ondas, acoitado contra as margens de um lado e outro como se disso precisasse para chegar a tempo ao seu destino. Nessa luta, nossa canoa era arremessada dos ombros para o seio do rio e enfrentava a emoção maior das águas revoltas. Mas as águas forasteiras ensinavam ao velho rio uma lição e, para além de Passau, ele já não fingiria ignorar os jovens afluentes.

Tudo isso, é claro, fora muitos dias antes e, desde então, tínhamos entrado em contato com outros aspectos da grande criatura, como ao cruzar os trigais de Straubing, na Bavária, onde o rio corria tão manso sob o sol de junho que chagávamos a imaginar que apenas sua superfície era feita de água, quando logo abaixo, movendo-se como se encoberto por um manto de seda, corria um exército inteiro de Ondinas, descendo em silêncio e em segredo na direção do mar, brincando, inofensivas — desde que não fossem descobertas.

Tudo perdoávamos ao rio por causa de sua doçura para com os animais e pássaros que infestavam as margens. Os cormorões se alinhavam junto ao leito em fileiras, como pequenas estacas negras; gralhas cinzentas se aglomeravam no chão de cascalho; cegonhas pescavam junto aos bancos de areia que se formavam entre as ilhas, enquanto falcões, cisnes e outros pássaros do pantanal enchiam o ar com suas asas cintilantes e seu canto agressivo. Era impossível aborrecer-se com os caprichos do rio, depois de ver uma corça saltar na água ao raiar do dia e nadar junto à canoa. Os cervos nos observavam por entre os arbustos e às vezes, ao desembocar a toda numa curva do rio, dávamos com os olhos castanhos de um veado nos mirando fixamente. Havia também raposas, saltando graciosamente

por entre os troncos levados pelas águas e desaparecendo como que por encanto.

Mas agora, depois de passar por Pressburg, houvera uma mudança e o Danúbio se tornara mais sério. Deixara de brincar. O rio estava a meio caminho do mar Negro, numa altura em que eles já podiam sentir os aromas um do outro e, naquelas terras estranhas, truques não seriam permitidos nem compreendidos. Subitamente, ele se tornara adulto, exigindo de nós respeito e até temor.

Acabara de partir-se em três cursos d'água, que só voltariam a se encontrar centenas de quilômetros abaixo, e para uma canoa não havia qualquer sinalização dizendo qual dos caminhos seguir.

— Se vocês pegarem um dos canais laterais e as águas baixarem de repente — dissera um húngara que encontráramos no armazém em Pressburg —, podem acabar isolados, sem nada em torno num raio de dezenas de quilômetros, num planalto seco onde podem até morrer de fome. Não há gente, nem fazendas, nem pescadores. Estou avisando vocês: parem por aqui. Além disso, o rio está subindo e o vendaval vai piorar.

A cheia não nos assustava em nada, mas a ideia de ficar isolados num planalto desértico por uma súbita baixa das águas nos parecia algo sério e, por isso, compramos um estoque extra de provisões. No mais, as profecias da húngara se concretizaram e o vento, vindo de um céu perfeitamente azul, soprou em dar trégua, até ganhar a dignidade de um vendaval.

Era mais cedo do que de costume quando decidimos montar acampamento. O sol ainda devia estar a uma ou duas horas do horizonte quando, deixando meu amigo ainda adormecido na areia quente, comecei a inspecionar o terreno que nos abrigaria. A ilha, logo descobri, tinha menos de meio hectare de extensão, era apenas um banco de areia, cerca de meio metro acima do nível das águas. A ponta, que ficava na direção do horizonte, estava coberta pelo vapor d'água, tal a força com que o vento batia na crista das ondas. A ilhota tinha formato triangular, com o vértice superior apontado contra a corrente.

Ali fiquei por alguns minutos, olhando a correnteza impetuosa e avermelhada descer com um troar tremendo, saltando em ondas contra as margens como se fosse arrancá-las para depois se dividir em dois cursos espumantes, de ambos os lados da ilha. O solo parecia

tremer com o choque das águas, enquanto os salgueiros, batidos pela ventania, aumentavam a curiosa ilusão de que toda a ilha se movia. Acima, por dois ou três quilômetros, via o rio, despejando-se em minha direção: era como olhar a parede íngreme de uma montanha a partir de seu sopé, branca como espuma, batendo-se em toda parte como a se exibir para o sol.

No mais, a ilha era inteiramente coberta por salgueiros o que dificultava a caminhada, mas dei uma volta por ali assim mesmo. No ponto mais abaixo, a luz, é claro, se modificava, fazendo o rio parecer escuro e feroz. Apenas a parte posterior das ondas era visível, ondas esvoaçantes, repletas de espuma e empurradas com força pelo vento que batia de trás em lufadas furiosas. Por pouco mais de um quilômetro o rio era visível, serpenteando por entre as ilhas para em seguida desaparecer, tragado por um mar de salgueiros que sobre ele se debruçava, como se fossem monstros pré-diluvianos curvando-se para beber água. Eles me lembravam gigantescas esponjas que do rio se embebessem, absorvendo-o. O rio desaparecia de vista. E a partir de um certo ponto havia apenas salgueiros, numerosos, onipresentes.

O conjunto formava uma cena impressionante, de absoluta solidão e sugestões bizarras. À medida que olhava em volta, demorada e curiosamente, foi surgindo em algum ponto dentro de mim uma emoção singular. Embora tivesse prazer em olhar aquela paisagem bela e selvagem, sentia crepitar, inexplicado e inesperado, um estranho sentimento de inquietação, quase que de alarme.

Um rio, na cheia, talvez seja sempre algo assustador: daquelas ilhas que via, muitas provavelmente já teriam desaparecido quando o dia amanhecesse; a força irresistível da torrente d'água infundia certa dose de medo. Contudo, percebia que minha inquietação vinha de uma região ainda mais profunda, habitada por sentimentos maiores do que o simples temor ou a incerteza. Não era isso que sentia. Tampouco tinha a ver com a força do vento, aquele vendaval que parecia capaz de arrancar os salgueiros pelas raízes e espalha-los como se fossem pedaços de palha. O vento parecia mesmo ter um toque de alegria, pois nada havia na região que o detivesse, e eu dividia com ele toda aquela excitação e prazer. Por isso tinha certeza de que a estranha emoção não possuía qualquer ligação com o vento. Na verdade, era algo tão vago que me era impossível precisar sua fonte para aprender a lidar com ela.

Sabia apenas que estava relacionada com uma sensação de pequenez de nossa parte diante da força dos elementos. O rio crescente tinha algo a ver com aquilo, também — com a sensação desagradável de que desfiáramos os poderes ali presentes e que agora estávamos à sua mercê. Porque ali todos os elementos se juntavam como para brincar e a visão de tal cenário aticava a imaginação.

Mas logo percebi que a sensação tinha algo a ver com os salgueiros. Quilômetros e quilômetros de arbustos juntos numa só massa, enchendo a paisagem até onde a vista podia alcançar, pressionando o rio como a sufocá-lo, aglomerados como um exército sob o céu, observando, esperando, ouvindo. E, à parte a força dos elementos, percebi que os salgueiros se conectavam diretamente com minha inquietação, atacando a mente através de seu poder coletivo, representando, em meu imaginário, uma nova força, que nada tinha de amistosa.

As grandes revelações da natureza sempre impressionam e eu não estava de todo desacostumado a ter aquele tipo de sensação. As montanhas oprimem, os oceanos aterrorizam, o mistério das grandes florestas tem um efeito peculiar sobre cada um de nós. Mas todos esses sentimentos estão ligados, de uma forma ou de outra, à experiência humana, à própria vida. São emoções que, embora assustadoras, podem ser entendidas. E acabam desaparecendo.

Com a multidão de salgueiros, porém, eu sentia uma coisa diversa. Deles emanava uma essência que fazia meu coração sentir-se sitiado. Uma sensação de temor real, sim, mas um temor com matizes de terror. Eles cerravam fileiras, crescendo por toda parte, formando sombras cada vez mais escuras à medida que a noite caía, movendo-se ao vento com suavidade e fúria, reforçando em mim a impressão de que havíamos trespassado as fronteiras de um mundo alienígena, um mundo onde éramos intrusos, onde não éramos bem-vindos, onde não deveríamos ficar — e onde talvez corrêssemos perigo.

Contudo, aquela sensação, ainda que misteriosa a ponto de me ser impossível analisá-la, não chegou a alarmar-me então. É verdade, porém, que tampouco deixei de senti-la, mesmo durante o trabalho de tentar montar a barraca em meio à ventania infernal ou acender o fogo para cozinhar. A sensação permaneceu, apenas um pequeno ponto incomodando e confundindo, tirando um pouco de minha capacidade

para apreciar a beleza do lugar. Nada comentei com meu amigo, pois ele não era dado a imaginações. Em primeiro lugar, eu jamais teria sabido explicar-lhe o que estava sentido.

Em segundo, tinha certeza de que, se o fizesse, ele riria de mim.

Havia, bem no meio da ilha, uma pequena depressão e foi ali que montamos a barraca. Os salgueiros em volta barravam um pouco a passagem do vento.

— Não está grande coisa — disse o Sueco, imperturbável, quando afinal conseguimos pôr a barraca em pé. — Não há pedras, nem lenha para o fogo. O melhor que temos a fazer é ir embora amanhã cedo. Esta ilhota não vai resistir por muito tempo.

Já tínhamos passado pela experiência de uma barraca desabando no meio da noite e, por isso, tentamos fazer com que nosso abrigo fosse o mais seguro possível. Em seguida, saímos em busca de lenha que durasse ao menos até a hora de dormir. Os salgueiros não possuem galhos e as toras de madeiras trazidas pela corrente eram nossa única fonte de lenha. Fizemos uma cuidadosa busca pelas bordas da ilha. Por toda parte, as margens se desfaziam diante da força das águas, levadas em grandes nacos correntes abaixo, em meio a ruídos gorgolejantes.

— A ilha já está menor do que quando chegamos — disse o Sueco, observador. — Se continuar assim, não vai durar muito. Melhor amarrarmos a canoa bem perto da barraca e ficar alerta para levantar acampamento a qualquer hora. Eu vou dormir de roupa.

Enquanto falava, estava alguns metros à minha frente, mas eu podia ouvir sua risada alegre.

— Nossa! — gritou de repente.

Virei-me para ver o que provocara a exclamação. Mas ele estava oculto pelos salgueiros e, por um instante, eu o perdera de vista.

— O que é isso?! — gritou de novo, a voz séria.

Corri em sua direção e fui encontrá-lo junto à margem. Ele olhava para o rio, apontando para a água.

— Meu Deus, é o corpo de um homem!! — disse, alterado. — Olhe!

Alguma coisa escura, sendo revirada em meio à espuma, passava depressa, levada pela correnteza. Às vezes desaparecendo para novamente vir à tona. Devia estar a uns sete metros da margem e, no momento em que passava bem diante de onde estávamos, desemborcou e ficou de frente para nós. Vimos seus olhos refletindo a

luz do sol, olhos amarelos e estranhos, que faiscavam quando o corpo se virou. Em seguida aquilo estremeceu e, num segundo, mergulhou, nadando para longe dali.

— É uma lontra!! — gritamos juntos, caindo na risada.

Era *mesmo* uma lontra, viva, aparentemente caçando. Mas, curiosamente, parecera por um momento o corpo de um homem afogado, revirando ao sabor da corrente. Muito além ela voltou a emergir e vimos seu pêlo escuro, molhado, brilhando ao sol.

Pouco depois, quando já voltávamos ao acampamento, os braços carregados de lenha, outra coisa nos chamou a atenção no rio. Dessa vez, era mesmo um homem, um homem dentro de um barco. Uma canoa pequena no Danúbio era uma visão comum em qualquer época, mais ainda naquela região desértica, em dias de cheia. Sua presença ali era tão inesperada que parecia irreal.

Ficamos de pé, olhando.

Fosse por causa do sol oblíquo ou pelos reflexos da água esplendidamente iluminada àquela hora, o fato é que, não sei bem, mas me foi impossível focalizar com exatidão aquela aparição etérea. Parecia mesmo ser um homem, de pé sobre uma canoa de fundo chato, com um longo remo nas mãos, sendo levado pela corrente a toda velocidade, junto ao outro lado do rio. Dava a impressão de estar olhando em nossa direção, mas a distância era grande e a luz muito incerta para que pudéssemos observá-lo melhor. Pareceu-me que gesticulava, como se sinalizasse para nós. Ele gritava alguma coisa, mas a ventania era tamanha que sua voz chegava entrecortada, sendo impossível discernir uma palavra do que dizia. Havia nele qualquer coisa singular — a figura, o barco, os sinais, a voz —, que me causou uma impressão profunda, desproporcional.

— Ele está se benzendo! — gritei. — Olhe. Ele está fazendo o sinal da cruz!

— É verdade — disse o Sueco, protegendo os olhos da claridade e tentando observar o homem que se afastava.

Num instante ele desapareceu, tragado pelo mar de salgueiros que, banhados pelo sol na curva do rio, formavam uma belíssima muralha cor de carmim, enquanto a bruma começava a apagar a paisagem.

— Que diabo estará fazendo aqui, já quase de noite e com esta cheia? — indaguei, como se pensasse alto. — Aonde será que vai a uma hora dessas e por que estaria fazendo todos aqueles sinais? Será que queria nos avisar de alguma coisa?

— Ele viu nossas silhuetas e com certeza pensou que fôssemos espíritos — disse meu amigo, rindo — Esses húngaros acreditam em tudo. Lembra-se da mulher na loja de Pressburg dizendo que ninguém pára aqui nestas ilhas porque pertencem a seres de outro mundo? Eles acreditam em duendes, fadas e até em demônios. Aquele camponês no barco viu gente nas ilhas pela primeira vez na vida — continuou, depois de uma pausa. — E ficou apavorado, é isso!

O tom de voz do Sueco não era convincente e notei qualquer coisa diferente no jeito dele, embora não soubesse dizer o quê.

— Se tivessem mesmo imaginação — disse, rindo alto (lembro-me de tentar fazer o máximo de barulho possível) —, povoariam este lugar com os deuses da Antiguidade. Os romanos devem ter invadido a região com seus santuários, seus altares sagrados e suas divindades primitivas.

O assunto mudou e voltamos para perto do fogo, pois meu amigo não era muito chegado a conversas fantasiosas. Na verdade, lembro-me de, naquele momento, ter pensado em como era bom ele ser assim. Seu jeito impassível e sua natureza prática de repente me transmitiram uma sensação reconfortante. Era de fato um temperamento extraordinário o dele: numa canoa, era capaz de dominar as corredeiras como um índio, de enfrentar os rodamos e as pontes perigosas melhor do que qualquer homem branco. Era um grande companheiro de viagens e aventuras, sempre forte diante das adversidades. Observando seu rosto sério, o cabelo louro e encaracolado, enquanto carregava com esforço uma pilha de lenha (o dobro do tamanho da minha!), fui tomado por um sentimento de alívio. Sim, eu me sentia particularmente feliz com a presença do Sueco — ele que, com seu jeito de ser, só dizia aquilo que de fato queria dizer, sem segundas intenções.

— O rio continua subindo — informou, como se adivinhasse meus pensamentos, enquanto jogava no chão sua acha de lenha. — Esta ilha vai estar submersa em dois dias se a cheia não passar.

— Eu gostaria é de que o *vento* parasse — comentei. — Não me importo nem um pouco com o rio.

A cheia, na verdade, não era uma ameaça para nós. Podíamos levantar acampamento em dez minutos e, além disso, quanto mais água tivéssemos, melhor. Assim teríamos correnteza mais forte e menos risco de encalhar no leito de cascalho, sempre uma ameaça ao casco da canoa.

Ao contrário de nossas expectativas, o vento não diminuiu com o pôr-do-sol. Pareceu mesmo aumentar à medida que escurecia, uivando sobre nossas cabeças e sacudindo os salgueiros como se fossem fio de palha. As lufadas provocavam sons estranhos, às vezes estrondos fortes como um tiro, que desabavam sobre as águas e sobre a ilha em chicotadas de enorme prazer poder.

Faziam-me pensar no troar que um planeta deve fazer ao cruzar o espaço, se nos fosse dado ouvi-lo.

Mas o céu continuava limpo de nuvens e logo depois do jantar surgiu do leste a lua cheia, cobrindo o rio e a planície de salgueiros uivantes com uma luz clara como o dia.

Ficamos deitados em nosso pedaço de areia junto à fogueira, fumando, ouvindo os ruídos da noite que nos cercava e conversando animados sobre aventuras passadas ou sobre planos futuros. O mapa da jornada estava aberto e pregado na porta da barraca, mas o vento forte tornava difícil examiná-lo e acabamos por baixar a cortina e apagar a lanterna. Restou-nos a chama da fogueira — suficiente para acender os cigarros e iluminar nossos rostos —, cujas chispas dançavam enlouquecidas, como se fossem fogos de artifício. A alguns metros dali, o rio gorgolejava e sibilava.

De tempos em tempos, um ruído mais forte anunciava que outro pedaço de margem se desprendera.

Nossa conversa, notei, versava sobre cenários e acontecimentos distantes, como nossas primeiras noites na Floresta Negra ou qualquer outro assunto que nada tivesse a ver com o momento presente, do qual só falávamos o mínimo necessário — quase como se tivéssemos feito um acordo tácito para evitá-lo. Nem mesmo os episódios da lontra e do homem no barco foram citados, quando normalmente teriam sido o principal assunto da noite. Num lugar como aquele, eram temas proibidos.



Como havia pouca lenha, não era fácil manter a fogueira acesa e ainda por cima o vento soprava em nossos rostos a fumaça, que tragávamos a contragosto. Por isso, combinamos que nos alternaríamos, saindo cada um de uma vez para procurar madeira na escuridão. As quantidades que o Sueco trazia me davam a impressão de que estava passando tempo demais em sua busca. Mas o fato é que não me importava nem um pouco em ficar sozinho e só lamentava quando chegava de novo minha vez de sair caminhando por entre os arbustos ou pelas margens, sob a lua, atrás de lenha. A luta diurna contra a água e o vento — e que água e que vento! — nos tinha deixado a ambos esgotados e logo ficou claro que devíamos ir dormir cedo. Ainda assim, nenhum dos dois se movia em direção à barraca. Continuávamos por ali, remexendo o fogo, conversando fiado, perscrutando os salgueiros e ouvindo os barulhos do rio e do vento. A solidão daquele lugar parecia ter penetrado em nossos olhos e o silêncio caiu sobre nós naturalmente, pois depois de algum tempo o som de nossas vozes começou a parecer um pouco irreal, forçado. Sussurrar teria sido a melhor forma de comunicação, pensei, porque a voz humana, absurda em meio ao som dos elementos, tinha um toque de ilegitimidade. Era como se falássemos alto no interior de um templo ou em local proibido, ou mesmo num lugar onde ser ouvido significasse *perigo*.

Aquela ilha solitária e lúgubre, plantada em meio a milhões de salgueiros, varrida por um furacão, cercada por águas profundas e ferozes, havia mexido conosco. Inexplorada, quase desconhecida do homem, ali estava sob a lua, longe da influência humana, como se na fronteira de um outro mundo, um mundo alienígena, comandado apenas por salgueiros — pelas almas dos salgueiros. E, em nossa impetuosidade, tínhamos ousado invadir, até mesmo usar, aquele território.

Alguma coisa além do simples poder do mistério penetrou em mim enquanto me deixava ficar, deitado na areia, os pés junto ao fogo, olhando as estrelas através das folhagens. Pela última vez, ergui-me e saí em busca de lenha.

— Quando a lenha acabar — disse —, vou entrar.

Meu companheiro limitou-se a me olhar, preguiçosamente, enquanto eu desaparecia nas sombras.

Para um homem de espírito fraco, o Sueco me parecia naquela noite estranhamente receptivo, aberto a sugestões que não são apenas as sensoriais. Ele, também, parecia tocado pela solidão do lugar. Foi com inquietação que percebi essa mudança em meu amigo e, em vez de ir logo catar lenha, decidir ir até a ponta da ilha, de onde poderia avistar melhor o rio e a planície banhados pela luz da lua. A necessidade de estar só me invadira de repente. E o mesmo temor de antes. Uma sensação inexplicável que precisava encarar e provar até o fim.

Quando cheguei à ponta de areia entre as ondas, a magia do lugar se fez sentir de forma direta, como um choque. Um simples cenário que não teria sido capaz de tal efeito. Havia ali alguma coisa além, algo que dava medo.

Olhei para as águas, em turbilhão. E para os salgueiros, que murmuravam. Percebi o barulho incessante do vento. Todos aqueles sons, cada um a seu modo, provocaram em mim a mesma sensação de estranha angústia. Especialmente *os salgueiros*. Ali estavam, sempre sussurrando, como se falassem entre si, como se rissem, por vezes como se chorassem um pranto agudo, ou ainda como se suspirassem. Mas fosse o que fosse, a verdade é que aqueles murmúrios pertenciam à vida secreta da planície por eles habitada. Um lugar completamente alheio ao mundo que eu conhecia, alheio mesmo aos elementos que, embora ferozes, eram amistosos. Os salgueiros, ao contrário, me faziam pensar em seres vindos de um outro plano de vida, de uma outra evolução, talvez, discutindo entre si mistérios que só eles conheciam. Observei-os juntos, sacudindo as cabeças, em meio ao tilintar daquela miríade de folhas, mesmo que não houvesse vento. Eles se moviam por força própria, como se estivessem vivos. E eram capazes de tocar dentro de mim, por um método incalculável, o cerne de um sentimento chamado *terror*.

Lá estavam, sob o luar, como um vasto exército cercando nosso acampamento, balançando desafiadoramente milhares de lanças, prontos para o ataque.

A psicologia dos lugares, pelo menos para algumas imaginações, é muito vívida. Para o viajante, especialmente, cada acampamento tem seu “tom”, que pode significar boas-vindas ou rejeição. É algo que nem sempre se nota de imediato, quando se está ocupado na preparação da

tenda ou do jantar, mas assim que tudo se acalma — geralmente depois da comida —, ele se apresenta. E o tom desse acampamento cercado de salgueiros agora já não deixava dúvidas: éramos intrusos, invasores. Não éramos bem-vindos. A sensação de rejeição crescia à medida que eu continuava ali, observando. Havíamos tocado a fronteira de uma região que se ressentia de nossa presença. Por uma noite talvez pudéssemos ser tolerados. Mas se tentássemos ficar mais tempo e descobrir coisas — não! Por todos os deuses das florestas e dos descampados, não! Éramos a primeira influência humana a conspurcar aquela ilha, e não nos queriam ali. *Os salgueiros estavam contra nós.*

Esses estranhos pensamentos, tais fantasias loucas, nascidas não sabia de onde, tomavam minha mente enquanto permanecia parado, à escuta. O que acontecia, pensava, se afinal os salgueiros mostrassem que estavam mesmo vivos? E caso subitamente se erguessem, como uma multidão de criaturas, e marchassem em nome dos deuses cujo território havíamos invadido, e nos cercassem vindos de toda a vastidão do pântano, bramindo sobre nós em meio à noite até nos alcançar? Enquanto olhava, já começava a imaginar que de fato se moviam, que chegavam mais perto, para em seguida recuar um pouco, voltando a reunir-se em uma enorme massa hostil, esperando o grande vendaval que por fim iria dar a ordem para que se pusessem em marcha. Eu poderia jurar que o aspecto deles se modificava um pouco, que as fileiras se tinham tornado mais densas e que se fechavam sobre mim.

O canto estridente e melancólico de um pássaro noturno soou em cima de minha cabeça e por um momento quase perdi o equilíbrio quando o banco de areia sobre o qual me encontrava fendeu-se e, com estrondo, desabou no rio, levado pela correnteza. Dei um passo atrás no instante exato e segui caminho, em busca de lenha, já quase rindo das fantasias tolas que tinham povoado minha mente, impressionando-me. Lembrei do que o Sueco dissera sobre ir embora no dia seguinte e estava justamente pensando em como concordava com isso quando me virei e dei com ele, objeto de meu pensamento, parado à minha frente. Estava bem próximo. Mas o ruído dos elementos havia encoberto sua aproximação.

— Você demorou tanto — gritou, tentando sobrepujar o vento — que pensei que tivesse acontecido alguma coisa!

Mas havia algo em seu tom de voz, e também na expressão de seu rosto, que ia além daquelas palavras. E num segundo compreendi a verdadeira razão por que viera me procurar. A magia do lugar penetrara sua alma, também, e ele não queria ficar sozinho.

— O rio não para de subir — continuou, apontando a correnteza, sob a lua. — E o vento está terrível.

Ele sempre dizia as mesmas coisas mas, daquela vez, a necessidade de companhia importava mais do que as palavras.

— Ainda bem — gritei de volta — que nossa barraca está num rebaixado. Acho que vai aguentar bem.

Para explicar minha ausência prolongada, comentei alguma coisa sobre a dificuldade de encontrar lenha, mas o vento levou minhas palavras para longe e ele não pôde ouvi-las, fazendo apenas um gesto com a cabeça que queria dizer sim.

— Vai ser uma sorte se conseguirmos sair daqui sem uma desgraça — gritou em seguida.

Isso ou alguma coisa parecida. Lembro-me de ter sentido raiva por ele ter posto em palavras aqueles pensamentos porque era exatamente o que eu sentia. Havia uma desgraça pairando no ar e pressentimento ruim parecia colocar-se à minha pele.

Voltamos para junto da fogueira e avivamos o fogo mais uma vez, juntando as brasas com os pés. Demos uma última olhada em torno. Se não fosse pelo vento, estaria fazendo calor demais.

Disse isso ao Sueco e sua resposta me chamou atenção: ele falou que teria preferido o calor, o clima normal de julho em vez daquele “vento diabólico”.

Estava tudo arrumado para o pernoite: a canoa, emborcada ao lado da barraca, com os dois remos amarelos embaixo dela: o saco de provisões pendurado num dos salgueiros e os pratos, lavados, secando a uma distância segura do fogo, tudo pronto para a refeição da manhã.

Abafamos as brasas com areia e entramos. A janela da barraca estava levantada e, através dela, eu via as folhagens, as estrelas e o luar. Os salgueiros inquietos e as pesadas lufadas de vento contra nossa pequena tenda são as últimas coisas que me lembro antes que o sono descesse sobre mim, tudo cobrindo com sua bruma de esquecimento, suave e deliciosa.

## CAPÍTULO II

---

DE REPENTE, LÁ ESTAVA, desperto, deitado em meu colchão sujo de areia, espiando através da janela da barraca. Olhei o relógio espetado na lona e vi, com a ajuda do luar, que passava um pouco da meia-noite — o começo de um novo dia — e que, portanto, dormira cerca de duas horas. A meu lado, o Sueco, imóvel, continuava adormecido. O vento uivava como antes. E em meu coração havia um peso — eu estava com medo. Alguma coisa perturbadora estava acontecendo ali.

Ergui-me e olhei para fora. As árvores balançavam com violência, batidas pelas lufadas, mas nosso pedacinho de lona verde, armado na areia côncava, estava seguro. O vento passava por ele sem obter resistência e, com isso, não se tornava hostil. Mas o sentimento de inquietação continuou e, devagar, engatinhei para fora da tenda a fim de ver se nossos pertences estavam no lugar. Movime lentamente para não acordar meu amigo. Estava tomado por uma estranha excitação Já estava com parte do corpo do lado de fora, ainda de quatro, quando meus olhos se fixaram no topo dos arbustos bem à minha frente e perceberam que, com o movimento do trançado das folhas, eles formavam figuras recortadas contra o céu. Sentei-me e observei melhor. Era incrível, mas ali, diante dos olhos, acima de minha cabeça, via formarem-se estranhas figuras por entre as folhagens dos salgueiros e, à medida que os galhos eram mexidos pelo vendaval, elas pareciam agrupar-se, traçando ferfis monstruosos que no segundo

seguinte desapareciam sob o luar. As figuras se delineavam a menos de quinze metros de onde eu estava.

Meu primeiro impulso foi o de acordar meu amigo, para que ele também pudesse ver o que eu via, mas algo me fez hesitar — talvez a constatação de que a cumplicidade naquele caso não seria bem-vinda. Nesse meio-tempo, permaneci sentado, os olhos bem abertos, enquanto observava o fenômeno, hipnotizado. Estava completamente desperto. Lembro-me de ter dito a mim mesmo que *não estava* sonhando.

Primeiro as estranhas figuras se tornaram bem visíveis, no alto das copas dos salgueiros — imensas, cor de bronze, movendo-se de forma totalmente independente do balanço dos galhos. Eu as via perfeitamente e notei, agora que as examinava com mais calma, que eram muito maiores do que um homem, havendo em sua aparência alguma coisa a não deixar dúvida de que eram *sobrenaturais*. Com toda certeza não eram resultado do balanço das folhagens sob a luz da lua.

Tinham vida própria. Subiam num fluxo contínuo em direção ao céu, desaparecendo assim que tocavam o firmamento escuro. Entrelaçadas, formavam uma coluna e eu podia ver seus membros e corpos gigantescos fundindo-se uns nos outros, criando um alinhamento que serpenteava, curvava-se, retorcia em espiral, junto com as contorções das árvores batidas pelo vento. Eram formas nuas, fluidas, que passavam pelos arbustos, que *através* das folhas, uma torre viva que subia rumo ao infinito. Não pude ver seus semblantes. Derramavam-se no céu sem cessar, oscilando em grandes curvas, a pele de seus corpos recoberta por sutis matizes de bronze.

Eu continuava observando, obrigando cada átomo de meus olhos a fixar-se na visão extraordinária. Por muito tempo pensei que a qualquer momento desapareceriam, fundindo-se no movimento dos galhos e provando que tudo não passara de ilusão de ótica. Por toda parte buscava provas de que aquilo era verdadeiro, mas logo compreendi que os parâmetros de realidade se tinham modificado. Pois, quanto mais se olhava, mais certo ficava de que aquelas criaturas eram reais e vivas, embora talvez impossíveis de ser captadas por uma câmera ou pelo instrumento de um cientista.

Longe de ter medo, eu estava possuído por uma sensação de enlevo e respeito, como jamais sentira antes. Era como se olhasse para

a personificação das forças elementares que assombravam aquele lugar primitivo. Nossa presença havia desencadeado a movimentação daqueles poderes. Nós éramos o elemento perturbador. E meu cérebro parecia prestes a explodir, repleto de histórias e lendas de espíritos e divindades adoradas pelo homem em todas as eras da história da humanidade.

Mas, antes que pudesse encontrar uma explicação para o que acontecia, alguma coisa me fez ir em frente e, rastejando na areia, ergui-me. Senti o calor do chão sob os pés descalços; o vento açoitava meu rosto, meus cabelos; e o barulho ensurdecido do rio me atingiu de chofre. Tais coisas, sabia, eram reais e provavam que meus sentidos reagiam normalmente. E contudo as figuras continuavam subindo ao céu, silentes, majestosas, numa imensa espiral de força e graça que por fim despertava em mim uma sensação de pequenez, um sentimento de verdadeira adoração. Senti vontade de ajoelhar-me e adorá-las — adorá-las, mais nada.

Mais um minuto que se passasse e provavelmente teria feito isso, não fosse por uma rajada de vento que me atingiu com tal força que me empurrou para o lado, quase me derrubando. Foi como se eu voltasse a mim. Alguma coisa se modificou em meu ponto de vista. As figuras ainda estavam lá, subindo ao infinito através do coração da noite, mas minha razão voltava a firmar-se.

Aquilo só podia ser uma experiência subjetiva — não menos real por causa disso, mas ainda assim subjetiva. A combinação da luz da lua e dos galhos havia desenhado aquelas sombras no espelho de minha imaginação, de alguma forma projetando-as para o exterior, fazendo com que parecessem objetivas. Era isso, só podia ser isso. Eu fora vítima de uma curiosa, de uma vívida alucinação.

Tomei coragem e comecei a mover-me pelo caminho de areia. Meu Deus, pensava, seria tudo uma alucinação? Algo meramente subjetivo? Ou estaria minha razão apenas argumentando inutilmente, fincada nos estreitos padrões do conhecimento?

Eu só sabia que a coluna de figuras sombrias se erguia ao céu, por um tempo que me parecia muito longo, e com tal nitidez que qualquer um a teria considerado real. E então, subitamente, desapareceu!

E assim que se esvaneceu, com ela cessando num átimo toda a atmosfera onírica de sua presença, o medo me tomou por inteiro, num

jato gelado. O sentido oculto daquela região solitária e assombrada penetrou de repente em mim, fazendo-me estremecer de pavor. Olhei em torno — um olhar de horror, quase em pânico —, tentando imaginar como fugir dali; e então, vendo que não teria como fazê-lo, arrastei-me silenciosamente de volta à barraca e deitei-me em meu colchão, baixando a cortina para não mais ver os salgueiros e a lua, e enterrando o rosto nas cobertas para amortecer o som do vento que me aterrorizava.



## CAPÍTULO III

---

TALVEZ PARA ME CONVENCER de que não havia sonhado, lembro-me de que demorei muito até finalmente mergulhar num sono inquieto e agitado. E, mesmo então, era um sono superficial, como se parte de mim permanecesse alerta, prestando atenção ao passar das horas.

Mas, da segunda vez que acordei, dei um pulo, movido pelo mais absoluto terror. Não fora o vento ou o rio que me haviam despertado e sim a lenta aproximação de algo que fora corroendo aos poucos a porção de sono em que estava mergulhado até que ela desaparecesse por completo e eu me encontrasse erguido — e à escuta.

Ouvi nitidamente, vindo lá de fora, uma infinidade de pequenos ruídos. Eu sabia que aquele murmúrio vinha num crescendo há algum tempo e que, mesmo enquanto dormia, já o escutava.

Sentei-me, nervoso, como se não tivesse dormido nada. Respirava com dificuldade, sentindo um peso sobre mim. Apesar da noite quente, meu corpo estava coberto de suor frio e tremia. Alguma coisa parecia pressionar as laterais e ao alto de nossa barraca. Seria o corpo do vento? Ou o murmúrio da chuva caindo das folhas? Ou mesmo os jatos d'água erguidos pelo choque do vento com o rio, formando gotas gigantescas? Num segundo, pensei em várias possibilidades.

De repente, a explicação surgiu em minha mente: um galho do álamo, única árvore grande que havia na ilha, tinha sido arrancado pelo vento. Seguro apenas pelos outros galhos da árvore, cairia com a primeira com a primeira lufada mais forte e nos esmagaria. Eram suas

folhas que farfalhavam e se agitavam acima da lona esticada da barraca. Ergui a porta da tenda e corri para fora, chamando o Sueco para que me seguisse.

Mas assim que me vi de pé do lado de fora percebi que nada ameaçava a barraca. Não havia qualquer galho pendurado. Nem chuva, nem jatos d'água. Não havia nada se fechando sobre nós.

Uma luz fria, acinzentada, deixava-se filtrar pelos arbustos e banhava a areia clara. As estrelas continuavam no céu e o vento uivava ainda, mas a fogueira se apagara de todo e vi, por entre as folhas, que a leste o céu começava a tingir-se de vermelho. Muitas horas se tinham passado desde que eu estivera ali olhando as estranhas figuras e a lembrança daquelas visões voltou em todo seu horror, como um sonho maldito. Sentia-me imensamente cansado com aquele vendaval que não cessava. E, contudo, apesar da lassitude de uma noite mal dormida, meus nervos vibraram em permanente apreensão e a ideia de repouso nem passava por minha cabeça. O rio, notei, havia subido ainda mais. Seu troar enchia o ar e os vapores borrifavam minha camisa.

Mas não se via em volta qualquer sinal de alarme. A profunda e incessante inquietação que sentia continuava inexplicável para mim.

Meu amigo não havia acordado quando eu o chamara e não havia necessidade de perturbá-lo agora. Olhei em torno, cuidadosamente: lá estava a canoa emborcada; os remos amarelos — todos os dois, tenho certeza; o saco de provisões e a lanterna extra pendurados na árvore; e, por toda parte, envolvendo tudo, os salgueiros, a infindável multidão de salgueiros batidos pelo vento. Um pássaro soltou seu canto matinal e um bando de patos passou voando e grasnando na penumbra. A areia, agitada pelo vendaval, subia em rodamosinhos, seca, picando-me as pernas e os pés descalços.

Dei uma volta em torno da barraca e penetrei por entre os arbustos para olhar a paisagem que se descortinava para além do rio, mas tive a mesma sensação de angústia indefinível ao olhar o mar de salgueiros que se estendia até o horizonte, fantasmagóricos e irreais na luz pálida do amanhecer. Caminhei pé ante pé em várias direções, ainda tentando identificar o estranho murmúrio cuja pressão sobre nossa barraca me acordara. *Era* o vento, com certeza, pensei, o vento levantando a areia quente, cujos grãos chicoteavam a lona, o vento batendo incessantemente contra nosso abrigo frágil.

Mas meu nervosismo e meu desconforto continuavam crescendo.

Segui até a margem mais distante e vi como a geografia do lugar fora alterada durante a noite, massas de areia tendo sido carregadas pela enchente. Mergulhei as mãos e os pés na água fria e molhei o rosto. Os primeiros raios de sol já se insinuavam no céu e com eles a extraordinária limpidez do dia que nascia. Na volta, passei de propósito junto aos mesmos salgueiros onde vira as colunas de figuras subindo ao céu e, em meio à mata, fui assaltado por um poderoso senso de terror.

Saído das sombras, tive a impressão de ver passar um gigantesco espectro. Sim, algo passara por mim, como faria uma criatura humana...

Uma lufada mais forte de vento como que me empurrou para a frente e, quando me vi novamente em espaço aberto, o terror que sentia diminuiu. O vento soprava em todas as direções, lembro de ter dito a mim mesmo, e os ventos se movem como grandes presenças quando atravessam as árvores. Além disso, o medo que sentia era tamanho e de tal natureza, um temor tão diverso de tudo o que jamais experimentara, que despertava em mim um sentimento de respeito, de adoração — e isso contrabalanceava seus piores efeitos. Quando cheguei a um ponto mais alto no centro da ilha, de onde se descortinava o rio tingido com o vermelho do amanhecer, a beleza mágica do lugar, de tão poderosa, fez nascer em mim uma força selvagem e tive vontade de gritar.

Mas o grito morreu em minha garganta, porque no instante seguinte meus olhos, percorrendo a planície e a ilha à minha volta e vendo a pequena mancha de nossa barraca em meio aos salgueiros, constataram algo terrível, uma descoberta comparada com a qual meu terror recente, com os espectros do vento, era nada.

Houvera uma mudança na paisagem. Não que dali de cima eu tivesse um diferente ponto de vista, mas sim uma alteração que afetara a relação entre nossa barraca e os salgueiros que a cercavam. Com toda a certeza, os arbustos agora estavam mais próximos — inexplicavelmente, ameaçadoramente próximos. *Eles estavam fechando o cerco.*

Caminhado devagar pelas areias mutantes, aproximando-se de forma imperceptível, com movimentos silenciosos e lentos, os salgueiros tinha chegado mais perto durante a noite. Teria sido o vento

a movê-los ou teriam as árvores caminhado sozinhas? Lembrei-me do murmúrio crescente que pressionara a barraca e também meu coração, fazendo-me acordar apavorado. Por um momento, oscilei ao vento como uma árvore, mal podendo equilibrar-me no alto do monte de areia onde estava. Tinha diante de mim uma evidência de ação pensada, de deliberada intenção, de agressiva hostilidade, e aquilo me aterrorizava a ponto de não conseguir mover um músculo.

Mas logo veio a reação, rápida. A ideia era tão improvável, tão absurda, que quase explodi numa gargalhada. Mas a gargalhada poderia ser um grito, pois saber que minha mente estava tão receptiva àquelas perigosas fantasias trouxe-me a terrível constatação de que seria através da mente, e não do corpo físico, que se daria, que se dava, o ataque.

O vento soprou à minha volta e o sol, com grande rapidez, surgiu no horizonte, pois deveriam ser mais de quatro horas e lá estava eu, há mais tempo do que imaginava no alto daquele monte, com medo de descer e atravessar os salgueiros. Voltei pé ante pé para a barraca, dando antes de mais nada uma cuidadosa olhada a minha volta — sim, confesso — para fazer algumas medições. Com passadas na areia, marquei a distância entre os salgueiros e a tenda, prestando atenção em qual era o ponto de maior proximidade.

Em seguida me enfiei sob as cobertas, quieto. Meu amigo, ao que parecia, dormia profundamente e fiquei aliviado em constatar isso. Se não houvesse testemunhas para minhas experiências, talvez encontrasse força para negá-las. Com o dia claro, poderia convencer a mim mesmo de que tudo não passara de alucinação, uma fantasia da noite, projeções de minha imaginação excitada.

Nada mais aconteceu que me perturbasse e caí no sono quase que instantaneamente, exausto, embora ainda com medo de ouvir os murmúrios noturnos ou a pressão no coração que quase me sufocara.

## CAPÍTULO IV

---

O SOL IA ALTO NO CÉU quando meu amigo me acordou de um sono profundo, anunciando que o mingau estava pronto e que era hora do banho matinal. Um cheiro delicioso de bacon frito chegou até a barraca.

— O rio continua subindo — disse ele — e várias ilhas desapareceram. Nossa ilha diminuiu muito.

— Sobrou lenha? — perguntei, sonolento.

— A lenha e a ilha vão acabar juntas, amanhã — respondeu o Sueco, rindo. — Mas o que resta é suficiente para nos sustentar até lá.

Mergulhei da ponta da ilha, que de fato havia mudado em tamanho e formato ao longo da noite, e num instante fui levado pela corrente até o ponto em que atracáramos, em frente à barraca.

A água estava gelada e as margens passavam por mim como as imagens através da janela de um trem. Mergulhar assim era divertido e logo o terror da noite desaparecera por completo, evaporando-se de meu cérebro. O sol estava quente; não havia uma só nuvem no céu; mas o vento continuava soprando com a mesma força de antes.

De repente, dei-me conta do significado implícito das palavras do Sueco, mostrando que ele não pretendia partir imediatamente, que mudara de ideia. “Suficiente para durar até amanhã” queria dizer que, para ele, passaríamos mais uma noite na ilha. Achei aquilo estranho. Na noite anterior estava decidido a ir embora logo. Por que a mudança?

Enquanto tomávamos café, vários pedaços das margens eram arrastados, levantando nuvens d'água que, com o vento, borrifavam nossa frigideira, ao mesmo tempo que meu amigo falava sem parar na dificuldade que os navios da rota Viena-Budapeste deviam ter para encontrar o leito do canal com uma cheia daquelas. Mas o estado de espírito dele me interessava mais do que as condições do rio e as dificuldades dos navios. Ele mudara em relação à noite anterior. Seu jeito estava diferente — um pouco eufórico, um pouco retraído, havendo em seu tom de voz e em seus gestos qualquer coisa que indicava desconfiança. Não sei bem como descrevê-lo agora, a sangue-frio, mas naquele momento lembro-me de ter tido uma certeza: ele estava com medo. Comeu pouco no café da manhã e, pela primeira vez, não fumou seu cachimbo. Abriu o mapa diante de si e começou a estudá-lo.

— Acho bom sairmos daqui a uma hora — disse eu, tentando abrir caminho para que ele afinal dissesse o que sentia.

E a resposta me intrigou: — Claro! Se eles deixarem.

— Eles, quem? Os elementos? — perguntei, rápido, fingindo desconfiança.

— Os poderes deste lugar horrendo, sejam eles quem forem — respondeu o Sueco, sem tirar os olhos do mapa. — Os deuses estão aqui, se é que estão em algum lugar do mundo.

— Os elementos são sempre os verdadeiros imortais — respondi, rindo da forma mais natural possível, mas sabendo muito bem que meu rosto refletia o que de fato sentia.

Foi quando o Sueco me olhou com gravidade e, através da fumaça, disse: — Só com muita sorte vamos conseguir sair daqui sem enfrentar mais desgraça.

Era o que eu temia, sabendo que já não poderia evitar uma pergunta direta. Era como dar permissão ao dentista para que me arrancasse um dente. A hora chegara e o resto era tudo fingimento.

— Mais desgraça! Por quê? O que aconteceu?

— É simples: o remo-guia desapareceu — respondeu o Sueco, com voz mansa.

— O remo-guia desapareceu? — repeti, apavorado, porque aquele remo era nosso leme e navegar o Danúbio naquela cheia sem um leme era suicídio. — Mas o que...

— E tem um rombo no casco do barco — continuou o Sueco, com um tremor na voz.

Fiquei ali olhando para ele, repetindo suas palavras como se fosse um tolo. Ali, sob o calor do céu, sobre a areia quente, senti uma atmosfera gelado nos envolver. Ergui-me e o segui, porque ele apenas assentira e caminhava em direção à barraca, em frente à fogueira. A canoa estava lá, no mesmo lugar em que a vira de noite, com o casco virado para cima e os remos, ou melhor, *um* remo, ao lado dela, na areia.

— Só restou um — disse o Sueco, abaixando-se para apanhá-lo. — E aqui está a brecha no fundo do barco.

Estive a ponto de dizer a ele que, com toda certeza, vira *os dois* remos poucas horas antes, mas um segundo impulso me fez pensar melhor e fiquei calado. Cheguei mais perto para olhar.

Havia uma longa fenda no fundo do barco, de onde uma tira de madeira havia sido nitidamente retirada; era como se uma pedra pontiaguda ou um galho submerso tivesse arrancado a tira de fora a fora. Examinando melhor, vimos que o rombo rompera o fundo. Se tivéssemos partido sem observá-lo, na certa teríamos afundado. No início, a madeira incharia, fechando a fenda, mas assim que estivéssemos em plena correnteza a água começaria a penetrar no barco e este, com menos de 30 cm acima da linha-d'água, afundaria rapidamente.

— Aí está, uma tentativa de preparar uma vítima para o sacrifício — disse o Sueco, mais para si mesmo do que para mim. — As vítimas, aliás... — acrescentou, enquanto, agachado, passava a mão pela fenda.

Comecei a assobiar — coisa que sempre faço quando estou meio confuso —, sem prestar muita atenção ao que ele dizia. Estava decidido a encarar aquelas palavras como uma tolice.

— Não estava aqui ontem à noite — disse ele sem me olhar, levantando-se depois de examinar o barco.

— Com certeza foi na hora que atracamos — retruquei, parando de assobiar. — As pedras são muito pontiagudas...

Parei de subido, pois ele acabava de virar-se e me encarar. Sabia tão bem quanto ele que minha expedição era implausível. Para começar, não havia pedras.

— E há uma coisa para ser explicada — continuou ele, me entregando o remo e apontando a ponta da pá.

Uma nova e estranha emoção tomou conta de mim, gelando-me os ossos, enquanto a examinava. A lâmina da pá estava gasta, perfeitamente gasta, como se alguém, como se alguém a tivesse lixado com cuidado, tornando-a tão fina que ao primeiro movimento mais vigoroso o remo se teria partido pelo cabo.

— Um de nós andou durante o sono e fez isto — disse eu, a voz trêmula —, ou então... ou então foi o açoite constante da areia e do vento, talvez.

— É — disse o Sueco, virando-se e rindo —, você tem explicação para tudo.

— Foi o vento, também, que carregou o remo até junto à margem e, dali, ele foi levado pela correnteza junto com um naco de terra que se desprende — continuei, gritando enquanto ele se afastava, decidido que estava a encontra uma explicação para tudo.

— Sei — gritou de volta, virando-se para me olhar antes de desaparecer em meio aos salgueiros.

Assim me vi sozinho, diante daqueles indícios incríveis de ação deliberada, meu primeiro pensamento foi: “Um de nós dois fez isto e com certeza não fui eu.” Mas meu segundo pensamento foi o de que era impossível acreditar, sob qualquer circunstância, que um de nós fosse o responsável. Não podia crer, nem por um segundo, que meu amigo, em que confiava, companheiro de mais de dez expedições como aquela, pudesse conscientemente ter feito aquilo. Igualmente absurda era a hipótese de que ele, com sua natureza imperturbável e sem imaginação, tivesse de repente perdido a razão e se ocupasse com tais propósitos insanos.

Contudo, o que mais me perturbava, mantendo vivo o frio do medo mesmo sob o esplendor de todo aquele sol, era a certeza de que uma estranha mudança se operara na *mente* do Sueco: ele estava nervoso, quieto, desconfiado, consciente de coisas sobre as quais nada dizia, observando uma série de eventos secretos, que até então não mencionara — numa palavra, aguardando um desfecho que se daria, e se daria em breve. Essa impressão cresceu dentro de mim de forma intuitiva, sem que eu soubesse explicar como.



Observei a barraca e seus arredores, mas as medidas que fizera à noite eram as mesmas.

Grandes buracos se tinham formado na areia — notei naquele momento pela primeira vez —

semelhante a bacias, de tamanhos e profundidades diversos, variando da dimensão de uma xícara para a de uma tigela grande. O vento, sem dúvida, era o responsável por essas pequenas crateras, assim como o fora pelo sumiço do remo, jogado n'água. O rombo na canoa era a única coisa inexplicável; mas, afinal, era possível que qualquer coisa pontiaguda tivesse *mesmo* atingido o casco quando atracávamos. Examinei bem a margem e não encontrei nada que comprovasse essa teoria, mas continuei me agarrando a ela com a porção cada vez menor de minha consciência à qual chamava “razão”. Eu precisava de uma explicação qualquer, assim como é preciso buscar um sentido para o universo — por mais absurdo —, para tornar felizes aqueles que encaram a labuta diária e os problemas da vida. A comparação me pareceu perfeita naquele momento.

Imediatamente, botei o piche para derreter e logo o Sueco veio me ajudar, embora estivesse claro que, mesmo na melhor das hipóteses, o barco só estaria em condições de navegar no dia seguinte. Mostrei-lhes as crateras na areia.

— É — disse ele. Eu sei. A ilha está coberta delas. Mas na certa  *você*  tem uma explicação para isso também!

— O vento, claro — respondi, sem hesitar. — Você nunca reparou nos rodamos que o vento faz nas ruas, carregando tudo numa espiral? A areia aqui é bem seca e solta. É isso.

Ele não respondeu e continuou trabalhando, quieto. Todo o tempo, eu o espiava com o canto do olho, tendo a sensação de que ele me observava também. Dava a impressão de estar sempre ouvindo alguma coisa que eu não conseguia escutar ou parecia à espera de algum ruído, pois virara a cabeça e olhava em torno, perscrutando os arbustos, depois o céu e em seguida o rio, nos trechos em que este era visível através dos salgueiros. Às vezes chegava mesmo a pôr a mão em concha em torno do ouvido, mantendo-se ali por vários minutos. Mas não comentava nada comigo, nem eu fazia perguntas. E, enquanto o observava consertando o barco, com a destreza e a habilidade de um velho índio, sentia-me bem em vê-lo tão absorto no trabalho, pois

temia que ele viesse a falar na modificação observada nos salgueiros. Se tivesse notado *aquilo*, minha imaginação já não poderia sustentar uma explicação para o que acontecia.

Até que, depois de um longo silêncio, ele começou:

— Coisa estranha... — disse, falando rápido, como se quisesse dizer logo alguma coisa e se livrar da ideia. — Coisa estranha aquela lontra que vimos ontem.

Eu esperava um comentário tão diferente que a frase me pegou de surpresa e olhei, sério.

— É uma prova da solidão deste lugar. As lontras geralmente se escondem e...

— Não foi isso que quis dizer — interrompeu o Sueco. — O que quis dizer é que, você acha... você acha *mesmo* que era um lontra?

— O que mais poderia ser, pelo amor de Deus?

— Você sabe, eu vi primeiro e no início parecia *tão maior* do que uma lontra.

— Como olhávamos rio acima, a luz do sol deve tê-la ampliado ou algo assim.

Ele me fitou com um olhar vago, como se sua mente estivesse ocupada com outros pensamentos.

— Tinha aqueles incríveis olhos amarelos — continuou, como para si mesmo.

— Foi o sol, também — respondi, dando uma risada. — Aposto que agora você vai começar a pensar ser aquele homem do barco...

Decidi não continuar a frase. O Sueco estava parado outra vez, à escuta, olhando na direção do vento, e alguma coisa em sua expressão me fez calar. O assunto morreu e ele continuou a consertar o rombo do barco. Pensei que sequer tivesse ouvido o que eu dissera. Mas, cinco minutos depois, ele me olhou, o rosto grave, enquanto segurava o piche fumegante.

— Para ser sincero, *pensei mesmo* — disse, devagar — no que seria aquela coisa no barco. Lembro que na hora achei que não podia ser um homem. Ele pareceu surgir de repente, como se emergisse da água.

Caí na risada, mas desta vez não sentia apenas impaciência e sim uma pontada de raiva.

— Escuta aqui! — gritei. — Este lugar já é estranho o suficiente sem que precisemos ficar imaginado coisas! É claro que aquele barco

era um barco comum e que o homem que estava dentro era apenas um homem, e que ambos estavam descendo rio abaixo a toda velocidade. E a lontra era uma lontra, sim, por isso vamos parar de bancar os bobos!

Ele me olhou sem piscar, com a mesma expressão grave de antes. Não parecia contrariado.

Seu silêncio me encorajou.

— E, por favor — continuei —, pare de fingir que está ouvindo coisas porque isso me dá nos nervos, e não há nada para se ouvir além do rio e do maldito barulho do vento!

— Seu idiota! — ele reagiu afinal, a voz entrecortada. — Seu grande idiota! É exatamente assim que todas as vítimas falam. Como se não soubesse tão bem quanto eu! — Havia desdém em sua voz, mas também um toque de resignação: — A melhor coisa a fazer é você calar a boca e tentar manter a mente firme. Essa tentativa de ficar se enganando só vai tornar a verdade ainda mais dura quando chegar a hora de encará-la.

Entreguei os pontos e não falei mais nada, porque sabia muito bem que ele estava certo — e que idiota era eu, não ele. De certa forma ele estava à minha frente e acho mesmo que eu me aborrecia com minha própria ignorância, como se fosse menos sensível diante dos acontecimentos extraordinários que nos cercavam e não pudesse entender bem o que se passava. O fato é que não conseguia compreender o que ele dizia sobre a necessidade de haver uma vítima e sobre nós dois sermos os candidatos a preencher o papel. E, daquele momento em diante, parei de fingir, o que só fez aumentar ainda mais o medo que sentia.

— Mas você está certo num ponto — disse ainda o Sueco. — É melhor não falar no assunto, nem mesmo pensar nele. Porque, aquilo que pensamos, acabamos dizendo. E o que dizemos, acontece.

Enquanto o casco do barco secava e endurecia, passamos a tarde tentando pescar, testando o remendo, apanhando lenha e observando a cheia avassaladora. Toras de madeira desciam com a enxurrada e tentávamos fisgá-las com galhos mais longos de salgueiros. Nossa ilha diminuía de tamanho a olhos vistos, à medida que as margens eram carregadas pela força do rio, com grande estrondo. O tempo continuou claro até as quatro da tarde quando, pela primeira vez em três dias, o

vento deu os primeiros sinais de que ia diminuir. Nuvens começaram a formar-se a sudoeste, dali espalhando-se lentamente por todo o céu.

O abrandar do vento trouxe uma sensação de enorme alívio, já que o ruído incessante, o troar, os baques e estrondos, nos davam nos nervos. Mas o silêncio que desceu sobre nós lá pelas cinco da tarde foi, devo admitir; de certa forma opressivo. Os barulhos do rio eram muito peculiares: enchiam o ar de murmúrios profundos, mais musicais que o ruído do vento, só que infinitamente mais monótonos. O vento trabalhava com múltiplos tons, subindo e descendo, produzindo uma espécie de melodia; enquanto o rio se mantinha entre três notas a maior parte do tempo — notas de pedal, abafadas, graves, de uma tonalidade lúgubre que inexistia no vento e que a mim pareceram, para meus nervos tensos, a música do Juízo Final.

Foi extraordinário notar, também, como a luz do dia, ao partir, levou consigo toda a alegria do lugar. E, tendo a região já apresentado antes a sugestão de lago sinistro, a mudança, é claro, foi ainda mais visível e maléfica. Para mim, o escurecer foi um sinal de alarme e logo flagrei-me calculando quantas horas depois do pôr-do-sol a lua surgiria no horizonte, a lesta, e se o céu nublado impediria que o luar iluminasse a ilha.

Com o vento reduzido a um murmúrio — embora, às vezes, soprasse em breves espasmos —, o rio tornou-se aos meus olhos ainda mais negro, enquanto os salgueiros se adensavam. Estes últimos pareciam mover-se independentemente do vento, agitando-se quando não havia qualquer lufada, estremecendo das raízes para cima. Quando objetos do cotidiano são marcados por uma sugestão de horror, estimulam a imaginação mais do que os objetos de aparência estranha. E ali, os arbustos, cercando-nos, assumiam, à medida que escurecia, a aparência grotesca de criaturas vivas.

Sua banalidade, eu sentia, mascarava as forças malignas e hostis que se voltariam contra nós. As forças do lugar aproximando-se cada vez mais com o cair da noite, concentrando-se em nossa ilha, em nós. Pois era assim, em termos de imaginação, que se apresentavam minhas sensações naquele lugar extraordinário.

Dormira bastante no início da tarde, recuperando-me da exaustão provocada pela noite inquieta, mas isso só servia para me deixar ainda mais suscetível à magia obsessiva daquela região assombrada. Tentava

evita-la, rindo de meus sentimentos e encarando-os como criancice sem sentido, apresentando explicações óbvias e físicas para tudo e, no entanto, a sensação crescia dentro de mim, fazendo com que temesse a chegada da noite como um menino perdido na floresta.

De dia, a canoa fora cuidadosamente coberta com um impermeável e o remo que restava fora amarrado pelo Sueco na base de uma árvore, para que o vento não o carregasse como fizera com o outro. A partir das cinco da tarde, ocupei-me com a panela e os preparativos para o jantar, já que naquela noite era minha vez de cozinhar. Tínhamos batatas, cebolas, pedaços de bacon que usávamos para dar mais sabor à comida e um resíduo indefinido dos cozidos anteriores que ficara no fundo da panela; adicionando pedaços de pão preto, o resultado era muito bom, seguido de um doce de ameixa e de uma beberagem composta de chá bem forte e leite desidratado. Havia uma boa pilha de lenha à mão e, sem vento, meu trabalho tornava-se fácil. Meu amigo observava tudo preguiçosamente, dividindo sua atenção entre limpar o cachimbo e ficar dando palpite — privilégio concedido àqueles que estão de folga. Ele estivera calado por toda a tarde, ocupado em consertar a canoa, em reforçar as cordas da barraca e em pescar toras de madeira, enquanto eu dormia. Não voltáramos a conversar sobre assuntos desagradáveis e acho que seu único comentário havia sido sobre a destruição gradual da ilha, que segundo ele já estava com um terço do tamanho de quando chegáramos.

O cozido começava a borbulhar quando ouvi sua voz me chamando da margem, para onde tinha ido sem que eu notasse. Corri até lá.

— Venha ouvir — disse ele — e vamos ver o que você me diz disso. — Tinha a mão em concha ao redor do ouvido, como fizera outras vezes.

— *Agora* você está ouvindo? — perguntou, olhando-me com curiosidade.

Ficamos ali por um instante, escutando com atenção. Primeiro ouvi apenas a nota grave das águas e os salvos que se erguiam da superfície turbulenta. Os salgueiros, pela primeira vez, pareciam imóveis e silenciosos. Até que um som, fraco, chegou a meus ouvidos. Um som peculiar — semelhante ao ruído de um gongo distante. Parecia vir em nossa direção através da escuridão de pântanos e salgueiros da

margem oposta. Repetia-se a intervalos regulares, mas com toda a certeza não era nem um sino nem o apito de um navio distante. Não saberia compara-lo a nada a não ser ao som de um gigantesco gongo, suspenso no céu muito longe dali, repetindo incessantemente sua nota metálica e abafada, suave e musical, à medida que era batido. Meu coração acelerou-se.

— Eu ouvi o dia inteiro — disse meu amigo. — Enquanto você dormia, hoje à tarde, a ilha foi tomada por ele. Tentei descobrir de onde vinha, mas não conseguia chegar perto, nem precisar sua localização. Às vezes parecia estar em cima de minha cabeça, poderia jurar que o som não acontecia do lado de fora e sim *dentro de mim*, como um som quadridimensional.

Eu estava intrigado demais para prestar atenção nas palavras do Sueco. Ouvi atentamente, lutando para associar o barulho a algum som familiar, mas sem sucesso. Mudava de direção, também, chegando mais perto para em seguida desaparecer quase que completamente na distância.

Não diria que parecesse agourento, porque para mim era nitidamente musical, mas devo admitir que aos poucos provocou o crescimento de uma angústia, que logo me fez desejar nunca tê-lo escutado.

— Talvez seja o vento batendo naqueles funis de areia — arrisquei, decidido a encontrar uma explicação —, ou a fricção das folhas, passado o vendaval.

— Vem de todo o pântano — disse meu amigo. — Vem de toda parte ao mesmo tempo. — Ele ignorava minhas explicações. — Vem dos salgueiros, de certa forma...

— Mas agora o vento parou — aleguei. — Os salgueiros não podem fazer ruído por si próprios, podem?

A resposta dele me deu medo, primeiro porque a temia e segundo porque sabia, intuitivamente, que ele estava certo.

— É *justamente* porque o vento parou que podemos ouvir o som. Antes, estava sufocado. Acho que é o grito...

Corri para junto do fogo, alertado por um ruído de borbulhas, na certeza de que o jantar corria perigo, mas na verdade o que queria mesmo era fugir daquela conversa. Estava, decidido, se possível, a evitar qualquer troca de pontos de vista. Temia, também, que ele fosse

recomeçar com a conversa sobre os deuses, as forças primitivas ou qualquer outro assunto inquietante, pois sabia que precisava manter-me firme para enfrentar os acontecimentos futuros. Tínhamos uma noite pela frente antes de poder sair daquele lugar horrível e não sabíamos o que ela nos reservava.

— Venha cortar o pão para pôr no cozido — pedi ao Sueco, enquanto mexia a mistura. A panela e seu conteúdo nos transmitiam uma sensação de normalidade e esse pensamento me fez rir.

Meu amigo se aproximou devagar e tirou o saco de provisões que estava pendurado na árvore, primeiro remexendo em seu interior e finalmente depositando-o no chão e esvaziando-o completamente.

— Vamos logo — gritei —, está fervendo!

Mas o Sueco explodiu num riso descontraído, que me espantou. Era um riso forçado, não de todo artificial, mas melancólico.

— Não tem nada aqui! — gritou, as mãos na cintura.

— É pão que estou pedindo.

— Sumiu. Não há mais pão. Eles levaram!

Larguei a colher comprida e corri. O conteúdo do saco fora todo despejado no chão e não havia um só pedaço de pão.

O peso de um terror crescente desceu sobre mim com um choque. E caí na gargalhada também. Era a única coisa a fazer: o som de meu próprio riso me fez compreender isso. A pressão física a que estávamos submetidos é que causara a explosão, aquele riso forçado, em nós dois; era a liberação de forças que lutavam para sair; uma temporária válvula de escape. E, de repente, o riso cessou.

— Que estupidez a minha! — gritei, afinal, numa última tentativa de buscar uma explicação. — Devo ter esquecido de comprar o pão em Pressburg. Aquela mulher que falava sem parar me esvaziou o cérebro e devo ter deixado o pão no balcão ou então...

— A aveia também está sumindo. Tem menos do que tinha de manhã — interrompeu o Sueco.

Por que diabo ele precisava dizer aquilo? Pensei, com raiva.

— Ainda dá para amanhã — retruquei, voltando a mexer o cozido —, e podemos comprar mais em Komorn ou em Gran. Em 24 horas, estaremos a quilômetros de distância daqui.

— Espero que sim. Juro por Deus que espero — resmungou ele, recolocando as provisões no saco. E, rindo, acrescentou: — A não ser

que antes disso sejamos escolhidos como vítimas do sacrifício.

Em seguida, por segurança, acho, carregou o saco de provisões para dentro da barraca, enquanto continuava falando baixinho, tão baixo que decidi ignorar suas palavras.

Nosso jantar foi sombrio e quase não conversamos, evitando mesmo o olhar um do outro e mantendo o fogo bem vivo. Depois, lavamos a louça e começamos os preparativos para a noite mas, assim que nos sentamos para fumar, quando já não havia nada a fazer, desceu sobre mim de forma aguda o mesmo temor que sentira ao longo de todo o dia. Ainda não era um medo ativo, mas algo vago cuja origem me angustiava ainda mais. O som estranho que associara ao bater de um gongo tornara-se quase incessante, preenchendo a quietude da noite com um bater fraco porém contínuo e não apenas com uma série de notas distintas. Às vezes estava atrás de nós, às vezes à frente. Ora parecia sair da mata de salgueiros à esquerda, depois vinha da imensidão de arbustos do outro lado.

Mas na maioria das vezes parecia mesmo pairar sobre nossas cabeças, como o roçar de asas. Estava de fato em toda parte ao mesmo tempo, atrás, na frente, dos lados e acima, envolvendo-nos completamente. Era um som difícil de descrever. Mas nada que eu ouvira se parecia com aquele martelar crescente e abafado que vinha da vastidão de pântanos e salgueiros.

Sentados, fumamos em silêncio, a tensão crescendo a cada minuto. O pior de tudo, para mim, é que não sabíamos o que esperar, sendo impossível portanto fazer qualquer preparativo de defesa. Não se podia antecipar nada. Minhas explicações, feitas durante o dia, agora me assustavam por sua inconsistência, ficando cada vez mais claro para mim que teria de enfrentar uma conversa com meu amigo. Afinal, teríamos de passar a noite juntos, dormir lado a lado na mesma barraca. Eu via que não poderia suportar por mais tempo sem contar com seu apoio racional e, para isso, conversar era imperativo. Mas adiava o começo do assunto o mais que podia, tentando sorrir e ignorar as frases que ele murmurava de quando em quando.

Algumas dessas frases, porém, inquietavam-me como uma maldição, já que coincidiam com temores que eu próprio sentia: coincidências que — tornado tudo mais real — se manifestavam por um diferente ponto de vista. Ele dizia frases estranhas, expressando-as



de forma desconexa, dando a impressão de que ele próprio desconhecia seu verdadeiro significado e soltava fragmentos que não conseguia digerir. Livrava-se de alguns pensamentos, pondo-os para fora, como um vômito. Falar aliviava-o.

— Há em nós alguma coisa que leva à desordem, à desintegração, à destruição, à autodestruição — disse, num dado momento, diante da fogueira que ardia. — Em algum ponto, nós cruzamos a linha de segurança.

Num outro instante, quando o som do gongo se tornara mais forte do que nunca, acima de nossas cabeças, ele pareceu falar sozinho: — Um fonógrafo não poderia reproduzir esse som. Ele não parece penetrar pelos ouvidos.

As vibrações me alcançam de outra forma, parecem estar dentro de mim, como um som quadridimensional.

Eu nada respondia e continuava ali, sentado junto ao fogo, olhando a escuridão em torno. As nuvens densas no céu e não havia sinal de lua. Tudo estava muito quieto e somente o rio e os sapos faziam seus ruídos.

— É isso — continuou ele — que o torna extraordinário. É *desconhecido*. Só há uma forma de descrevê-lo: não é um som humano. Não pertence à raça humana.

Tendo posto para fora essa porção indigesta, ficou quieto por um tempo; mas expressava de forma tão admirável o que eu próprio sentia que foi um alívio ouvir aquilo, ter aquele pensamento confinado em palavras em vez de vê-lo vagar perigosamente dentro de mim.

A solidão daquele acampamento no Danúbio, como poderei um dia esquecê-la? A sensação de estar absolutamente só num planeta vazio! Meus pensamentos voavam em direção às cidades, com suas assombrações tão humanas. Teria dado minha alma, como se diz, pelo calor das cidades da Bavária que atravessáramos; pelos lugares humanos, comuns: camponeses bebendo cerveja, mesas por entre as árvores, sol a pino e um velho castelo na colina, pra além da igreja, com seu telhado vermelho. Até mesmo os turistas teriam sido bem-vindos.

E, contudo, o medo que sentia não era um simples medo de fantasmas. Era infinitamente maior e mais estranho, parecendo surgir de um senso de terror ancestral, muito mais perturbador do que qualquer outro temor que jamais tivera, mesmo em sonhos. Havíamos

feito um “desvio”, como o Sueco dissera, e caímos numa região de enormes riscos, embora desconhecidos; uma região onde as fronteiras de um mundo misterioso estavam muito próximas. Um ponto dominado por habitantes do espaço, uma espécie de visor por onde eles espionavam a terra, às escondidas, um ponto em que era tênue a linha divisória entre os dois mundos. Se ficássemos por muito tempo mais, seríamos arrastados através da fronteira e privados daquilo que chamamos “nossa vida”, ainda que por um processo mental e não-físico. Nesse sentido, seríamos, como ele dizia, as vítimas de nossa aventura — as vítimas do sacrifício.

Aquilo nos atingia de forma diversa, cada um segundo a medida de sua própria sensibilidade ou poder de resistência. Eu o traduzia vagamente na personificação da fúria dos elementos, investindo-os com o horror de um propósito maléfico e deliberado, como se eles se ressentissem de nossa audaciosa intromissão. Já meu amigo tudo vira, num primeiro momento, com a invasão de uma espécie de santuário, um lugar ainda povoado pelos deuses da Antiguidade, onde a força daqueles que os adoravam permanecia. E a porção ancestral que havia nele curvava-se ante a magia pagã.

De qualquer forma, aquele era um luar intocado pelo homem, varrido por ventos que o mantinham virgem da influência humana, num local onde as forças espirituais estavam visíveis e agressivas. Nunca, antes ou depois, eu seria tomado por tamanha sensação de estar numa “região alienígena”, onde prevalecia outro tipo de vida, outra evolução, sem paralelo com a raça humana. E, por fim, nossas mentes sucumbiram sob o peso daquela magia terrível e seríamos tragados através da fronteira para o *outro mundo*.

Pequenos detalhes contribuía para reforçar essa curiosa influência do lugar e agora, no silêncio em torno do fogo, se faziam notar ainda com mais clareza. A própria atmosfera mostrara-se capaz de ampliar as coisas, distorcendo a realidade: a lontra rolando na correnteza, o homem no barco fazendo sinais, os salgueiros mutantes, todos tinham sido roubados de seu caráter natural, deles revelando-se uma outra face — como se existissem do outro lado, para além da fronteira. E esses aspectos era algo novo não apenas para mim, mas para toda a raça. Toda a experiência cujo vértice tocáramos era

desconhecida da humanidade. Era uma experiência única, onde cabia, mais do que nunca, a palavra *alienígena*.

— O propósito, a maneira deliberada, é o que mais apavora — disse o Sueco de repente, como se seguisse meus pensamentos. — Caso contrário, poderíamos atribuir à imaginação. Mas foi tudo, o remo, a canoa, a comida desaparecendo...

— Mas já não consegui explicar tudo? — insisti, por puro hábito.

— Explicou — respondeu ele, seco. — Explicou, com certeza.

Ainda fez outros comentários sobre o que chamou de “determinação em encontrar uma vítima”; mas eu, tendo organizado melhor meus pensamentos, percebi que era apenas o grito de alguém que estava com medo, sabendo-se atacado numa parte vital, temendo ser levado ou destruído. A situação exigia uma coragem e uma calma racional que nenhum de nós parecia ter. Eu nunca antes tive tão clara de estar partido em dois — uma parte tinha explicações para tudo, enquanto a outra, embora me pânico, ria das soluções tolas.

Enquanto isso, no negror da noite, o fogo morria lentamente e a pilha de lenha ia diminuindo. Nenhum de nós se movia para ir buscar madeira e a escuridão se fechava mais e mais sobre nós. A poucos metros do círculo iluminado pela fogueira, o escuro era total. De quando em quando, uma lufada de vento remexia os salgueiros, que murmuravam, mas, fora esse som, nada agradável, reinava um silêncio profundo e triste, quebrado apenas pelo gorgolejar do rio e pelo troar do gongo distante.

Nós dois sentíamos falta do canto feroz do vento.

A uma certa hora, quando uma lufada mais forte fez pensar que a ventania iria recomeçar, cheguei ao ponto de saturação, o ponto em que era absolutamente necessário buscar alívio na palavra, do contrário me trairia com alguma extravagância histérica cujo efeito seria ainda pior.

Chutei a fogueira, fazendo subir as chispas, e virei-me para o Sueco, que me olhou espantado.

— Chega de fingir — disse. — Não gosto deste lugar, desta escuridão, dos ruídos e dos sentimentos estranhos que eles provocam. Tem alguma coisa aqui capaz de me abalar profundamente. Estou apavorado, essa é que é a verdade. Se na outra margem fosse... diferente, juro que nadaria até lá!

O rosto do Sueco empalideceu, apesar do bronzeado obtido com tanto sol e tanto vento. Ele me olhou fixamente e respondeu baixinho, embora sua voz traísse uma excitação camuflada por aquela calma artificial. Por enquanto, de qualquer forma, ele era o mais forte de nós dois. Era o mais fleumático, pelo menos.

— Não é uma questão meramente física, algo do qual possamos escapar correndo — disse, com o tom de um médico dando o diagnóstico a uma doença grave. — Precisamos é ficar quietos e esperar. Aqui perto há forças capazes de matar um bando de elefantes num segundo, com a mesma facilidade com que mataríamos uma mosca. A única chance que temos é ficar bem quietos. Nossa insignificância talvez possa nos salvar.

Dezenas de perguntas formaram-se em minha expressão, mas não encontrei palavras. Era exatamente como ouvir um diagnóstico preciso sobre sintomas que eu vinha sentindo.

— O que quero dizer é que até agora, embora estejam conscientes de nossa presença intrusa, eles ainda não nos *encontraram*. Não nos localizaram, como diriam os americanos — disse ele. — Estão farejando por toda parte, como homens buscando um vazamento de gás. O remo, a canoa e as provisões provam isto. Eles *sentem* nossa presença, mas não nos podem ver. Por isso, devemos manter nossas mentes quietas. Porque é nossa mente que eles sentem. Devemos controlar nossos pensamentos ou estaremos perdidos.

— Mortos, você quer dizer? — balbuciei, sentindo um sopro gelado me percorrer.

— Pior. Muito pior — respondeu ele. — A morte, dependendo da crença de cada um, significa aniquilamento ou libertação dos limites do corpo físico, mas não significa a mudança do eu. Você não se modifica porque seu corpo deixou de existir. Estou falando de uma alteração radical, uma mudança completa, um horrível perda de si próprio e sua substituição... o que é muito pior do que a morte ou o aniquilamento. Acampamos em um lugar onde a terra deles toca a nossa, um ponto em que é tênue a linha divisória entre os dois mundos — (horror dos horrores!, ele usava minhas próprias palavras, a mesma frase!) — , e, por isso, eles sabem que estamos por perto.

— Mas *quem* são eles? — perguntei.

Esqueci de tudo, do tremor dos salgueiros na noite sem vento, do som acima de nossas cabeças, de tudo, apenas à espera de uma resposta, que temia mais do que jamais conseguiria explicar.

O Sueco baixou a voz, curvando-se sobre o fogo. Seu rosto tinha uma expressão tão estranha que baixei os olhos, sem poder encará-lo.

— Por toda minha vida — disse ele — sempre tive consciência, de forma estranha e vívida, da existência de um outro mundo. Não muito distante do nosso, embora totalmente diverso, onde grandes acontecimentos têm lugar, onde personalidades imensas e terríveis se movimentam, centradas em vastos propósitos comparados com os quais nossas preocupações, a ascensão e a queda das nações, o destino dos impérios, o fim dos exércitos e dos continentes, tudo é apenas um grão de poeira. Vasto propósitos, quero dizer, que lidam diretamente com a alma, não indiretamente com meras expressões da alma...

— Eu sugiro que... comecei, tentando fazê-lo calar-se, sentindo-me como se estivesse diante de um louco.

Mas ele me sobrepujou com a torrente de palavras que precisava ser despejada.

— Você pensa — disse — que são os espíritos dos elementos e eu cheguei a pensar que fossem deuses da Antiguidade. Mas ouça: não é uma coisa nem outra. Se fossem, seriam entidades reconhecíveis, relacionadas com o homem, dele dependendo para a adoração ou o sacrifício, quando, ao contrário, esses seres que estão atrás de nós não têm qualquer relação com a raça humana, sendo por mero acaso que, aqui neste lugar, o mundo deles toca o nosso.

A simples concepção daquelas palavras, ditas de forma que as tornava tão convincentes, enquanto eu as ouvia na solidão daquela ilha perdida, me fez estremecer. Já não conseguia controlar meus próprios movimentos.

— E o que você propõe? — perguntei.

— Um sacrifício, uma vítima, talvez possa distraí-los enquanto escapamos — continuou o Sueco —, assim como os lobos que, devorando os cães, dão uma chance ao caçador em seu trenó. Mas... o problema é que não há nenhuma outra vítima por perto.

Eu o olhava, pasmo. O brilho em seu olhar era aterrador. Ele prosseguiu: — São os salgueiros, tenho certeza. Os salgueiros *mascam* os outros, mas os outros começam a nos farejar. Se

deixarmos que nossa mente denuncie o medo que sentimos, estaremos perdidos, completamente perdidos.

Ele me olhava com uma expressão tão calma, tão determinada e sincera, que eu já não podia pôr em dúvida sua sanidade. Ele estava mais lúcido do que qualquer homem em qualquer época.

— Se pudermos aguentar por uma noite — continuou, talvez, com o dia claro, possamos fugir sem ser notados, ou melhor, sem ser *descobertos*.

— Mas você acha mesmo que um sacrifício poderia...

O gongo soou forte acima de nossas cabeças, mas foi a expressão de medo no rosto de meu amigo que me fez calar.

— Psiu! — sussurrou, a mão erguida. — Não fale neles, a não ser que seja inevitável. Não se refira a eles pelo *nome*. Nomear é revelar: é a pista fatal e nossa única esperança está em tentarmos ignorá-los, para que nos ignorem também.

— Mesmo em pensamento?

Ele estava muito agitado: — Principalmente em pensamento. Nossos pensamentos formam espirais no mundo deles.

Se pudermos, devemos mantê-los *fora de nossas mentes* a todo custo.

Avivei o fogo para evitar que a escuridão aumentasse. Jamais em toda a vida ansiaria tanto pela luz do sol quanto ao negror daquela noite de verão.

— Você estava acordado na noite passada? — Indagou o Sueco de repente.

— Dormi um pouco quando anoiteceu, mas muito mal — respondi, de forma evasiva, pesando nas recomendações de meu amigo, que, intuía, estavam certas —, por causa, claro, da ventania...

— Eu sei. Mas nem todos os ruídos vinham do vento.

— Então você também ouviu?

— Aquele som múltiplo, com uma infinidade de pequenos passos, ouvi — disse ele, acrescentando, depois de um segundo de hesitação: — E também aquele outro som...

— Aquele acima da barraca, cuja pressão tinha algo de tremendo, de gigantesco?

Ele assentiu.

— Senti como se estivesse começando a sufocar — falei.

— De certa forma, sim. Pareceu-me que o peso da atmosfera havia sido alterado, havia crescido enormemente e que iria nos esmagar.

— E *isso*? — perguntei, decidido a ir até o fim e apontando para cima, de onde vinha o barulho do imenso gongo, aumentando e diminuindo como se fosse o vento. — O que você me diz disso?

— É o som *deles* — sussurrou o Sueco, o rosto grave. — É o som do mundo deles, o murmúrio dessa região desconhecida. Aqui, a linha divisória é tão fina que o som a trespassa. Mas se ouvir com atenção verá que não vem só de cima, o som nos envolve. Ele vem dos salgueiros. São os salgueiros que sussurram, porque aqui, neste lugar, os salgueiros se tornaram os símbolos das forças que estão contra nós.

Não entendi muito bem o que ele queria dizer, mas de alguma forma sabia que concordava.

Eu percebia o que ele percebia, apenas talvez com um menor poder de análise. Estava a ponto de contar-lhe sobre minha alucinação noturna e as figuras cor de bronze, quando de repente ele aproximou o rosto do meu, acima do fogo, e começou a falar baixinho, mas com muita determinação. Eu o admirava por sua calma e segurança, por seu aparente controle da situação.

Aquele homem que, durante anos, julgara impassível, incapaz de devaneios!

— Agora, ouça — disse. — A única coisa que podemos fazer é agir como se nada houvesse, ir em frente com as atividades habituais, ir para a cama e tudo o mais; fingir que não estamos sentindo nada, notando nada. É puramente uma questão de controle mental e, quando menos pensarmos no assunto, mais chances teremos de escapar. Acima de tudo *não pense*, porque o que você pensa, acontece!

— Está bem — consegui responder, sentindo o ar me faltar ante a estranheza daquelas palavras —, está bem, vou tentar. Mas diga-me só mais uma coisa: como explica aqueles buracos na areia?

— Não! — gritou ele, deixando o sussurro de lado, tamanha era sua agitação. — Eu não ousa, simplesmente não ousa, transformar esses pensamentos em palavras. Se você ainda não adivinhou, melhor. Não tente fazê-lo. Foram *eles* que colocaram a explicação em minha mente; tente evitar que façam o mesmo com você.

Sua voz voltou a ser um sussurro antes mesmo que terminasse a frase e não tentei forçá-lo a dar mais explicações. Já tínhamos horror

demais com que lidar. A conversa acabou ali e fumamos nossos cachimbos mergulhados em silêncio.

Até que algo aconteceu, algo aparentemente sem importância, como acontece quando estamos em estado de grande tensão nervosa, mas que me deu um ponto de vista totalmente diferente da situação. Por acaso olhei para meus sapatos — próprios de navegação — e, ao mirar um buraco no lugar do dedo maior, de repente me lembrei da loja onde o comprara, em Londres, e de como o vendedor tivera dificuldade em encontrar um que coubesse em mim, assim como de outros detalhes daquela operação prática e sem o menor interesse. No mesmo instante, por associação de ideias, comecei a pensar no mundo moderno e cético ao qual estava acostumado em minha cidade. Pensei em rosife e cerveja, em automóveis, policiais, em orquestras e em dezenas de outras coisas simples e úteis da vida. E o efeito que aquilo teve sobre mim foi imediato e surpreendente. Psicologicamente, acho, era uma reação rápida e violenta aos acontecimentos que vinha vivendo, àquela atmosfera que para a consciência comum seria impossível e incrível. Mas, fosse o que fosse, o fato é que, por um momento, pensar em coisas corriqueiras aliviou meu coração, deixando, pelo curto espaço de um minuto, minha mente inteiramente livre e sem medo.

Olhei para meu amigo.

— Seu velho pagão! — gritei, rindo alto, na cara dele. — Sonhador idiota! Supersticioso!

Seu...

Mas parei no meio da frase, novamente tomado pelo antigo pavor. Tentei sufocar o som de minha própria voz, que me pareceu sacrilégio. O Sueco, é claro, também ouvira aquele estranho grito que rompera a escuridão — um subido deslocamento de ar, como se alguma coisa tivesse chegado mais perto.

Seu rosto ficara da cor das cinzas. Erguera-se de um salto diante da fogueira e, muito ereto, me olhava.

— Depois disso — falou, com um tom urgente e desesperançado —, temos que sair daqui! Não podemos ficar mais! Vamos até a barca pegar nossas coisas e descer o rio!

Falava sem pensar, as palavras sendo ditadas pelo mais abjeto terror — o terror ao qual eu próprio vinha resistindo havia tanto



tempo e que agora o tomava por completo.

— No escuro? — exclamei, sentindo um tremor histérico sacudir todo meu corpo, mas ainda tentando controlar a situação. — Isso é loucura! O rio está em cheia e só temos um remo. Além disso, só estaríamos entrando ainda mais na terra deles. Não há nada pela frente a não ser quilômetros e quilômetros de salgueiros, salgueiros e salgueiros!!

Ele voltou a sentar-se, parecendo à beira de um colapso. Por uma daquelas transformações típicas da natureza, as posições se tinham invertido e o controle passara às minhas mãos. Sua mente afinal começava a fraquejar.

— Que diabo deu em você para fazer uma coisa daquelas? — perguntou baixinho, o rosto e a voz marcados pelo mais genuíno pânico.

Dei a volta na fogueira e fui até junto dele. Segurei-lhe as mãos, ajoelhando-me a seu lado e olhando-o nos olhos.

— Vamos avivar o fogo mais uma vez — disse, com firmeza. — Depois, vamos entrar e dormir. Assim que o sol nascer, saímos para Komorn. Agora, controle-se e lembre-se do seu próprio conselho sobre *não pensar no medo!*

Ele não disse nada e vi que concordava e obedeceria. De certa forma, foi um alívio levantar e enfrentar a escuridão em busca de mais lenha. Ficamos juntos todo o tempo, quase roçando um no outro, tateando no escuro por entre os arbustos e junto à margem do rio. O soar do gongo acima de nós não cessava nunca, parecendo mesmo aumentar de intensidade à medida que nós embrenhávamos na mata, distanciando-nos do fogo. Era uma tarefa de arrepiar os cabelos!

Estávamos dentro de uma moita mais fechada de salgueiros, apanhando toras de madeira que se tinham emaranhado dos galhos, remanescentes de uma enchente anterior, quando senti no braço um aperto tão forte que quase fui ao chão. Era o Sueco. Ele caíra em cima de mim e se agarrava a meu braço em busca de apoio. Ouvi sua respiração entrecortada.

— Olhe!! Pela minha alma, olhe! — sibilou.

E pela primeira vez em toda minha vida soube o que era uma voz transformada no som do terror. Ele apontava para a fogueira, a uns

quinze metros dali. Segui a direção de seu dedo e juro que meu coração parou de bater.

Ali, banhado pela luz do fogo que morria, *um espectro se movia*.

Eu o via com olhos turvos, como se toldados por aquelas cortinas finas de gaze que no teatro cobrem o fundo dos palcos — em meio à penumbra. Não era humano, nem animal. Deu-me a estranha impressão de ser do tamanho de vários animais juntos, como cavalos, dois ou três, movendo-se lentamente. O Sueco também pareceu achar o mesmo, embora expressasse isso de maneira diferente, porque a ele lhe pareceu ter a forma e o tamanho de uma moita de salgueiros, arredondada no alto, de superfície trêmula, “subindo ao céu em espiral, como fumaça”, como diria depois.

— Vi quando surgiu de dentro da mata — soluçou, entre dentes. — Olhe, pelo amor de Deus! Está vindo na nossa direção!!

E num grito agudo como um silvo, completou: — *Eles nos encontraram!*

Olhei aterrorizado e mal pude ver que o espectro oscilante se aproximara de nós, pois caí para trás, em meio aos galhos. Eles, com certeza, não tinham suportado meu peso e, com o Sueco agarrado a mim, desabamos os dois na areia. Eu mal podia compreender o que estava acontecendo.

Lembro-me apenas da sensação que me tomou, como se meus nervos expostos fossem retorcidos, batidos e depois reimplantados, tiritando. Meus olhos estavam bem fechados; alguma coisa estrangulava minha garganta; e havia a sensação de que minha consciência expandia, mergulhando no espaço, até que aos poucos senti que ela se enfraquecia — e começava a morrer.

Mas um espasmo de dor aguda me trespassava e eu estava consciente de que era o Sueco que me agarrava com força indescritível, machucando-me. Era a maneira como ele se segurara em mim quando caímos.

Mas foi essa dor, ele diria depois, que me salvou: ela me fez esquecer *deles*, desviou meu pensamento no instante exato em que iam me pegar. A dor manteve minha mente distante no momento da descoberta, justamente a tempo de evitar que me levassem. Ele próprio, o Sueco, desmaiou naquele instante e foi também o que o salvou. Sei apenas que mais tarde, se pouco ou muito tempo depois

não poderia dizer, dei por mim tentando escapar aos galhos dos salgueiros, enquanto meu amigo, à minha frente, estendia a mão para me ajudar. Olhei-o, confuso, esfregando o braço que ele agarrara. E nada disse.

— Acho que desmaiei — ouvi-o dizer. — Isso me salvou. Porque parei de pensar.

— Você quase quebrou meu braço — falei, pois era a única coisa que me passava pela cabeça. Estava completamente zozzo.

— Foi isso que salvou *você!* — disse ele. — Cá entre nós, conseguimos despista-los. O barulho parou. Foram embora. Pelo menos por enquanto.

Uma onda de riso histérico voltou a tomar conta de mim, dessa vez estendendo-se a meu amigo também. Caímos os dois num riso descontrolado, que nos trouxe enorme sensação de alívio.

Voltamos para junto do fogo e o avivamos com a lenha que havíamos catado. Só então vimos que a barraca tinha desabado e que a lona era um emaranhado no chão.

Começamos a rearmá-la e, enquanto o fazíamos, tropeçamos várias vezes.

— São os buracos na areia — disse o Sueco, assim que a barraca estava de novo no lugar e a fogueira renovada iluminava vários metros a nossa volta. — Olhe só o tamanho deles agora!

Em torno da tenda e perto do fogo, onde tínhamos visto o espectro, havia grandes crateras em formas de funil, semelhantes às que víamos antes pela ilha, mas muito maiores e mais profundas, e, em alguns casos, grandes o suficiente para engolir nosso pé e nossa perna.

Nenhum de nós dois falou mais nada. Sabíamos que dormir era a coisa mais segura a fazer e, assim, logo fomos para a cama, depois de apagar o fogo com areia e de levar para a barraca o saco de provisões e o remo. A canoa também foi arrastada por nós até junto à tenda e colocada a nossos pés, de forma que ao menor movimento dela seríamos acordados.

Pelas dúvidas, dormimos de roupa, prontos para sair correndo ante qualquer sinal de alarme.

# CAPÍTULO V

---

EU ESTAVA DECIDIDO A PERMANECER acordado o resto da noite, vigiando, mas a exaustão de meus nervos e de todo meu corpo era tamanha que, quando a tensão diminuiu, o sono foi aos poucos me tomando com o tecido suave do esquecimento. O fato de meu amigo ter adormecido contribuiu para isso. A princípio, ele estava inquieto e a todo momento se sentava, perguntando se eu ouvira esse ou aquele ruído. Revolvia-se em seu colchão de cortiça e dizia que a barraca estava se movendo ou que o rio estava cobrindo a ilha; mas a cada vez eu saía para dar uma olha e voltava dizendo que estava tudo bem, até que ele foi ficando mais calmo e acabou aquietando-se. Algum tempo depois, sua respiração tornou-se regular e ouvi com simpatia que roncava — acho que foi a primeira e única vez na vida que o som de um ronco me fez bem.

Essa foi a última coisa que passou por minha cabeça antes que adormecesse.

Acordei sentindo a respiração difícil e logo percebi que a colcha estava cobrindo meu rosto.

Mas havia algo pressionando-me além daquela coberta e meu primeiro pensamento foi o de que talvez o Sueco tivesse rolado dormindo para cima de mim. Eu o chamei, sentando-me. No mesmo instante, senti que nossa barraca estava *cercada*. Aquele mesmo som, semelhante a milhões de pequenos passos se aproximando, estava de volta, enchendo a noite com seu horror.

Voltei a chamar pelo Sueco, dessa vez mais alto. Ele não respondeu, mas não ouvi mais seu ronco e, ao mesmo tempo, percebi que a porta da barraca estava entreaberta. Era o pecado imperdoável. Arrastei-me para fora, no escuro, para prender novamente a porta e só então me dei conta que o Sueco não estava mais ali. Ele se fora.

Saí correndo feito um louco, na maior agitação, e no instante em que me vi do lado de fora, fui atingido em cheio por uma torrente de sons que me circundavam, parecendo sair de todos os cantos do universo. Era o mesmo murmúrio de antes, só que enlouquecido! Como se um enxame de abelhas gigantes enchesse o ar à minha volta. O som parecia adensar a atmosfera, a ponto de eu sentir que o ar faltava em meus pulmões.

Mas meu amigo estava em perigo e eu não podia hesitar um só instante.

O dia começava a nascer e uma luz esbranquiçada se espalhava sobre as nuvens a partir de uma linha clara no horizonte. Não havia vento. Eu mal podia divisar os salgueiros e o rio mais além, assim como a mancha pálida dos caminhos de areia. Saí correndo pela ilha em frenesi, chamando o Sueco pelo nome, gritando as primeiras palavras que me vinham à mente. Mas os salgueiros e o ruído no ar abafavam minha voz e som morria a poucos metros de mim. Mergulhei por entre os arbustos, abrindo caminho com o corpo, tropeçando nas raízes, arranhando o rosto nos galhos que ia encontrando pela frente.

Até que, quase sem perceber, fui parar na ponta da ilha e, recortada entre o céu e a água, vi uma silhueta escura. Era o Sueco. Estava a ponto de se jogar no rio! Um minuto mais e teria mergulhado.

Atirei-me contra ele, atracando-me em sua cintura e puxando-o para longe da beirada com todas as minhas forças. Ele lutava com fúria, emitindo um som que me pareceu semelhante ao maldito ruído que nos cercava, e soltando frases desconexas sobre “ir ao encontro deles” ou “pegar o caminho da água e do vento”, frases que depois eu tentaria desesperadamente recordar, mas que naquele instante só me enchiam de estupefação e de horror. Mas afinal consegui dominá-lo e arrasta-lo para dentro da barraca, onde o mantive, ofegante e praguejando, até que a crise passasse.

A rapidez com que tudo se passou e como ele se acalmou de repente, coincidindo com o abrupto silêncio que desceu sobre toda a

ilha, foi, talvez, a coisa mais estranha de tudo o que nos aconteceu. Porque ele simplesmente abriu os olhos e virou para mim seu rosto cansado e pálido, banhado pela luz do amanhecer que penetrava pela porta, dizendo, como se fosse um menino assustado:

— Minha vida, meu amigo. Devo minha vida a você. Mas agora tudo passou. Eles encontraram uma vítima, que tomou nosso lugar.

E se confiou sob as cobertas, dormindo instantaneamente. Desmaiou, começando a roncar em seguida como se nada tivesse acontecido e não tivesse tentado afogar-se, oferecendo-se em sacrifício. E, quando a luz do sol acordou-o, três horas mais tarde — horas de vigília incessante para mim —, ficou tão claro que não se lembrava de nada do que tentara fazer que achei melhor ficar quieto e evitar perguntas perigosas.

O Sueco acordou bem disposto, quando o sol estava alto no céu sem vento, e começou os preparativos para o café da manhã. Segui-o, ainda ansioso, até a beira do rio para o banho, mas ele não quis pular, apenas molhando a cabeça e fazendo um comentário sobre a água estar fria demais.

— Finalmente, o rio está baixando — disse. — Fico contente com isso.

— Os ruídos também cessaram — acrescentei.

Ele me olhou mansamente, com a expressão de sempre. Com certeza, lembrava-se de tudo, exceto de sua tentativa de suicídio.

— Tudo cessou — disse ele — porque...

Hesitou. Mas eu sabia que ele tinha em mente a mesma frase que dissera antes de desmaiar.

E eu queria saber tudo.

— ...“Eles encontraram uma vítima”...? — perguntei, dando um risinho forçado.

— Exatamente — Respondeu o Sueco. — Exatamente! Posso senti-lo, como se... como se... O que quero dizer é que me sinto outra vez em segurança — acrescentou.

Olhou-me com curiosidade. O sol derramava-se sobre os caminhos de areia. Não havia uma brisa. Os salgueiros estavam quietos. Devagar, ele se levantou.

— Venha — disse. — Se procurarmos, vamos achar.

E saiu em disparada, enquanto eu o seguia. Manteve-se junto às margens, fincando um vara que carregava em cada poça d'água, cada recuo ou pequena baía que encontrava no caminho. Eu ia atrás.

— Ah! — exclamou de repente.

Alguma coisa em sua voz me fez reviver num segundo todo o horror das últimas 24 horas e me aproximei correndo. Com a vara, ele apontava para um objeto escuro na beira d'água, parcialmente submerso. Aparentemente fora envolvido por raízes de salgueiros, que o impediam de rolar correnteza abaixo. Poucas horas antes, aquele trecho da margem devia estar sob a água.

— Veja — disse o Sueco, baixinho. — A vítima que nos permitiu escapar.

E, quando espiei por sobre seu ombro, vi que a ponta da vara tocava o corpo de um homem.

O Sueco tentou movê-lo. Era nitidamente o corpo de um camponês, cujo rosto estava enterrado na areia. Pelo aspecto, afogara-se havia poucas horas e com certeza o corpo fora carregado pelas águas até ir dar ali na ilha, quando o dia amanhecia — *no instante, talvez, em que o rumor cessara.*

— Precisamos enterrá-lo.

— Acho que sim — respondi.

Mas estremeci, porque havia alguma coisa na aparência daquele pobre homem afogado que me gelava a espinha.

O Sueco olhou para mim, com uma expressão indecifrável no rosto, e se preparou para descer a escarpa de areia. Fui atrás dele, porém andando mais devagar. A correnteza, reparei, havia arrancado parte da roupa do homem, cujo pescoço e as costas nuas emergiam de dentro d'água.

Quando estávamos em meio à descida, meu amigo estancou, erguendo a mão em sinal de alarme; não sei se meu pé escorregou, ou se eu estava curioso demais para parar assim de repente, mas o fato é que esbarrei nele, empurrando-o sem querer. Rolamos os dois pela escarpa até ir dar na areia dura, onde nossos pé afundaram n'água. E, antes que nos déssemos conta do que acontecia, colidimos com força no corpo do afogado.

O Sueco soltou um grito agudo. E eu dei um pulo para trás como se tivesse levado um tiro.

No momento em que tocamos o corpo, dele se desprende o abominável sussurro que tanto ouvimos — apenas infinitamente multiplicado —, e algo passou sobre nossas cabeças como um bando de criaturas aladas, que desapareceu no céu, ressoando cada vez menos até cessar de todo.

Era como se tivéssemos interrompido um bando de criaturas invisíveis que, atiradas sobre o cadáver, faziam seu barulho.

O Sueco agarrou meu braço com toda força e eu me segurei nele, mas antes que pudéssemos recuperar-nos do choque, notamos que o movimento do rio estava virando o corpo, que as poucas se libertava das raízes dos salgueiros. Um momento depois já se tinha virado por completo e o rosto morto, voltado para cima, mirava o céu. Estava a ponto de ser levado pela correnteza. Mais um pouco e o rio o carregaria.

O Sueco ainda correu e tentou agarrá-lo, gritando alguma coisa sobre “um enterro digno” — mas de repente caiu de joelhos na areia, tapando o rosto com as mãos. Eu o alcancei.

E vi o que ele vira.

Porque, mexido pela correnteza, o cadáver tinha agora o rosto e o peito nu inteiramente expostos, exibindo na pele e na carne dezenas de pequenas crateras incrustadas, bem-feitas, e em tudo similares aos funis que se tinham formado na areia por toda a ilha.

— É uma marca deles — ouvi meu companheiro murmurar, baixinho. — A marca maldita.

E quando tornei a olhar na direção do rio, vi que a correnteza já fizera seu trabalho e que o corpo era levado pelas águas, fora de nosso alcance, já quase desaparecendo, rolando e rolando rio abaixo em meio às ondas, como se fosse uma lontra.

**FIM**



# **The Willows**

# CHAPTER I

---

After leaving Vienna, and long before you come to Budapest, the Danube enters a region of singular loneliness and desolation, where its waters spread away on all sides regardless of a main channel, and the country becomes a swamp for miles upon miles, covered by a vast sea of low willow-bushes. On the big maps this deserted area is painted in a fluffy blue, growing fainter in color as it leaves the banks, and across it may be seen in large straggling letters the word Sumpfe, meaning marshes.

In high flood this great acreage of sand, shingle-beds, and willow-grown islands is almost topped by the water, but in normal seasons the bushes bend and rustle in the free winds, showing their silver leaves to the sunshine in an ever-moving plain of bewildering beauty. These willows never attain to the dignity of trees; they have no rigid trunks; they remain humble bushes, with rounded tops and soft outline, swaying on slender stems that answer to the least pressure of the wind; supple as grasses, and so continually shifting that they somehow give the impression that the entire plain is moving and alive. For the wind sends waves rising and falling over the whole surface, waves of leaves instead of waves of water, green swells like the sea, too, until the branches turn and lift, and then silvery white as their underside turns to the sun.

Happy to slip beyond the control of the stern banks, the Danube here wanders about at will among the intricate network of channels

intersecting the islands everywhere with broad avenues down which the waters pour with a shouting sound; making whirlpools, eddies, and foaming rapids; tearing at the sandy banks; carrying away masses of shore and willow-clumps; and forming new islands innumerable which shift daily in size and shape and possess at best an impermanent life, since the flood-time obliterates their very existence.

Properly speaking, this fascinating part of the river's life begins soon after leaving Pressburg, and we, in our Canadian canoe, with gipsy tent and frying-pan on board, reached it on the crest of a rising flood about mid-July. That very same morning, when the sky was reddening before sunrise, we had slipped swiftly through still-sleeping Vienna, leaving it a couple of hours later a mere patch of smoke against the blue hills of the Wienerwald on the horizon; we had breakfasted below Fischeramend under a grove of birch trees roaring in the wind; and had then swept on the tearing current past Orth, Hainburg, Petronell (the old Roman Carnuntum of Marcus Aurelius), and so under the frowning heights of Thelsen on a spur of the Carpathians, where the March steals in quietly from the left and the frontier is crossed between Austria and Hungary.

Racing along at twelve kilometers an hour soon took us well into Hungary, and the muddy waters—sure sign of flood—sent us aground on many a shingle-bed, and twisted us like a cork in many a sudden belching whirlpool before the towers of Pressburg (Hungarian, Poszony) showed against the sky; and then the canoe, leaping like a spirited horse, flew at top speed under the grey walls, negotiated safely the sunken chain of the Fliegende Brücke ferry, turned the corner sharply to the left, and plunged on yellow foam into the wilderness of islands, sandbanks, and swamp-land beyond—the land of the willows.

The change came suddenly, as when a series of bioscope pictures snaps down on the streets of a town and shifts without warning into the scenery of lake and forest. We entered the land of desolation on wings, and in less than half an hour there was neither boat nor fishing-hut nor red roof, nor any single sign of human habitation and civilization within sight. The sense of remoteness from the world of humankind, the utter isolation, the fascination of this singular world of willows, winds, and waters, instantly laid its spell upon us both, so that we allowed laughingly to one another that we ought by rights to have

held some special kind of passport to admit us, and that we had, somewhat audaciously, come without asking leave into a separate little kingdom of wonder and magic—a kingdom that was reserved for the use of others who had a right to it, with everywhere unwritten warnings to trespassers for those who had the imagination to discover them.

Though still early in the afternoon, the ceaseless buffetings of a most tempestuous wind made us feel weary, and we at once began casting about for a suitable camping-ground for the night. But the bewildering character of the islands made landing difficult; the swirling flood carried us in shore and then swept us out again; the willow branches tore our hands as we seized them to stop the canoe, and we pulled many a yard of sandy bank into the water before at length we shot with a great sideways blow from the wind into a backwater and managed to beach the bows in a cloud of spray. Then we lay panting and laughing after our exertions on the hot yellow sand, sheltered from the wind, and in the full blaze of a scorching sun, a cloudless blue sky above, and an immense army of dancing, shouting willow bushes, closing in from all sides, shining with spray and clapping their thousand little hands as though to applaud the success of our efforts.

"What a river!" I said to my companion, thinking of all the way we had traveled from the source in the Black Forest, and how he had often been obliged to wade and push in the upper shallows at the beginning of June.

"Won't stand much nonsense now, will it?" he said, pulling the canoe a little farther into safety up the sand, and then composing himself for a nap.

I lay by his side, happy and peaceful in the bath of the elements—water, wind, sand, and the great fire of the sun—thinking of the long journey that lay behind us, and of the great stretch before us to the Black Sea, and how lucky I was to have such a delightful and charming traveling companion as my friend, the Swede.

We had made many similar journeys together, but the Danube, more than any other river I knew, impressed us from the very beginning with its aliveness. From its tiny bubbling entry into the world among the pinewood gardens of Donaueschingen, until this moment when it began to play the great river-game of losing itself

among the deserted swamps, unobserved, unrestrained, it had seemed to us like following the grown of some living creature. Sleepy at first, but later developing violent desires as it became conscious of its deep soul, it rolled, like some huge fluid being, through all the countries we had passed, holding our little craft on its mighty shoulders, playing roughly with us sometimes, yet always friendly and well-meaning, till at length we had come inevitably to regard it as a Great Personage.

How, indeed, could it be otherwise, since it told us so much of its secret life? At night we heard it singing to the moon as we lay in our tent, uttering that odd sibilant note peculiar to itself and said to be caused by the rapid tearing of the pebbles along its bed, so great is its hurrying speed. We knew, too, the voice of its gurgling whirlpools, suddenly bubbling up on a surface previously quite calm; the roar of its shallows and swift rapids; its constant steady thundering below all mere surface sounds; and that ceaseless tearing of its icy waters at the banks. How it stood up and shouted when the rains fell flat upon its face! And how its laughter roared out when the wind blew up-stream and tried to stop its growing speed! We knew all its sounds and voices, its tumblings and foamings, its unnecessary splashing against the bridges; that self-conscious chatter when there were hills to look on; the affected dignity of its speech when it passed through the little towns, far too important to laugh; and all these faint, sweet whisperings when the sun caught it fairly in some slow curve and poured down upon it till the steam rose.

It was full of tricks, too, in its early life before the great world knew it. There were places in the upper reaches among the Swabian forests, when yet the first whispers of its destiny had not reached it, where it elected to disappear through holes in the ground, to appear again on the other side of the porous limestone hills and start a new river with another name; leaving, too, so little water in its own bed that we had to climb out and wade and push the canoe through miles of shallows.

And a chief pleasure, in those early days of its irresponsible youth, was to lie low, like Brer Fox, just before the little turbulent tributaries came to join it from the Alps, and to refuse to acknowledge them when in, but to run for miles side by side, the dividing line well marked, the very levels different, the Danube utterly declining to recognize the newcomer. Below Passau, however, it gave up this particular trick, for

there the Inn comes in with a thundering power impossible to ignore, and so pushes and incommodes the parent river that there is hardly room for them in the long twisting gorge that follows, and the Danube is shoved this way and that against the cliffs, and forced to hurry itself with great waves and much dashing to and fro in order to get through in time. And during the fight our canoe slipped down from its shoulder to its breast, and had the time of its life among the struggling waves. But the Inn taught the old river a lesson, and after Passau it no longer pretended to ignore new arrivals.

This was many days back, of course, and since then we had come to know other aspects of the great creature, and across the Bavarian wheat plain of Straubing she wandered so slowly under the blazing June sun that we could well imagine only the surface inches were water, while below there moved, concealed as by a silken mantle, a whole army of Undines, passing silently and unseen down to the sea, and very leisurely too, lest they be discovered.

Much, too, we forgave her because of her friendliness to the birds and animals that haunted the shores. Cormorants lined the banks in lonely places in rows like short black palings; grey crows crowded the shingle-beds; storks stood fishing in the vistas of shallower water that opened up between the islands, and hawks, swans, and marsh birds of all sorts filled the air with glinting wings and singing, petulant cries. It was impossible to feel annoyed with the river's vagaries after seeing a deer leap with a splash into the water at sunrise and swim past the bows of the canoe; and often we saw fawns peering at us from the underbrush, or looked straight into the brown eyes of a stag as we charged full tilt round a corner and entered another reach of the river. Foxes, too, everywhere haunted the banks, tripping daintily among the driftwood and disappearing so suddenly that it was impossible to see how they managed it.

But now, after leaving Pressburg, everything changed a little, and the Danube became more serious. It ceased trifling. It was half-way to the Black Sea, within seeming distance almost of other, stranger countries where no tricks would be permitted or understood. It became suddenly grown-up, and claimed our respect and even our awe. It broke out into three arms, for one thing, that only met again a

hundred kilometers farther down, and for a canoe there were no indications which one was intended to be followed.

"If you take a side channel," said the Hungarian officer we met in the Pressburg shop while buying provisions, "you may find yourselves, when the flood subsides, forty miles from anywhere, high and dry, and you may easily starve. There are no people, no farms, no fishermen. I warn you not to continue. The river, too, is still rising, and this wind will increase."

The rising river did not alarm us in the least, but the matter of being left high and dry by a sudden subsidence of the waters might be serious, and we had consequently laid in an extra stock of provisions. For the rest, the officer's prophecy held true, and the wind, blowing down a perfectly clear sky, increased steadily till it reached the dignity of a westerly gale.

It was earlier than usual when we camped, for the sun was a good hour or two from the horizon, and leaving my friend still asleep on the hot sand, I wandered about in desultory examination of our hotel. The island, I found, was less than an acre in extent, a mere sandy bank standing some two or three feet above the level of the river. The far end, pointing into the sunset, was covered with flying spray which the tremendous wind drove off the crests of the broken waves. It was triangular in shape, with the apex up stream.

I stood there for several minutes, watching the impetuous crimson flood bearing down with a shouting roar, dashing in waves against the bank as though to sweep it bodily away, and then swirling by in two foaming streams on either side. The ground seemed to shake with the shock and rush, while the furious movement of the willow bushes as the wind poured over them increased the curious illusion that the island itself actually moved. Above, for a mile or two, I could see the great river descending upon me; it was like looking up the slope of a sliding hill, white with foam, and leaping up everywhere to show itself to the sun.

The rest of the island was too thickly grown with willows to make walking pleasant, but I made the tour, nevertheless. From the lower end the light, of course, changed, and the river looked dark and angry. Only the backs of the flying waves were visible, streaked with foam, and pushed forcibly by the great puffs of wind that fell upon them from

behind. For a short mile it was visible, pouring in and out among the islands, and then disappearing with a huge sweep into the willows, which closed about it like a herd of monstrous antediluvian creatures crowding down to drink. They made me think of gigantic sponge-like growths that sucked the river up into themselves. They caused it to vanish from sight. They herded there together in such overpowering numbers.

Altogether it was an impressive scene, with its utter loneliness, its bizarre suggestion; and as I gazed, long and curiously, a singular emotion began to stir somewhere in the depths of me. Midway in my delight of the wild beauty, there crept, unbidden and unexplained, a curious feeling of disquietude, almost of alarm.

A rising river, perhaps, always suggests something of the ominous; many of the little islands I saw before me would probably have been swept away by the morning; this resistless, thundering flood of water touched the sense of awe. Yet I was aware that my uneasiness lay deeper far than the emotions of awe and wonder. It was not that I felt. Nor had it directly to do with the power of the driving wind—this shouting hurricane that might almost carry up a few acres of willows into the air and scatter them like so much chaff over the landscape. The wind was simply enjoying itself, for nothing rose out of the flat landscape to stop it, and I was conscious of sharing its great game with a kind of pleasurable excitement. Yet this novel emotion had nothing to do with the wind. Indeed, so vague was the sense of distress I experienced, that it was impossible to trace it to its source and deal with it accordingly, though I was aware somehow that it had to do with my realization of our utter insignificance before this unrestrained power of the elements about me. The huge-grown river had something to do with it too—a vague, unpleasant idea that we had somehow trifled with these great elemental forces in whose power we lay helpless every hour of the day and night. For here, indeed, they were gigantically at play together, and the sight appealed to the imagination.

But my emotion, so far as I could understand it, seemed to attach itself more particularly to the willow bushes, to these acres and acres of willows, crowding, so thickly growing there, swarming everywhere the eye could reach, pressing upon the river as though to suffocate it, standing in dense array mile after mile beneath the sky, watching,



waiting, listening. And, apart quite from the elements, the willows connected themselves subtly with my malaise, attacking the mind insidiously somehow by reason of their vast numbers, and contriving in some way or other to represent to the imagination a new and mighty power, a power, moreover, not altogether friendly to us.

Great revelations of nature, of course, never fail to impress in one way or another, and I was no stranger to moods of the kind. Mountains overawe and oceans terrify, while the mystery of great forests exercises a spell peculiarly its own. But all these, at one point or another, somewhere link on intimately with human life and human experience. They stir comprehensible, even if alarming, emotions. They tend on the whole to exalt.

With this multitude of willows, however, it was something far different, I felt. Some essence emanated from them that besieged the heart. A sense of awe awakened, true, but of awe touched somewhere by a vague terror. Their serried ranks, growing everywhere darker about me as the shadows deepened, moving furiously yet softly in the wind, woke in me the curious and unwelcome suggestion that we had trespassed here upon the borders of an alien world, a world where we were intruders, a world where we were not wanted or invited to remain—where we ran grave risks perhaps!

The feeling, however, though it refused to yield its meaning entirely to analysis, did not at the time trouble me by passing into menace. Yet it never left me quite, even during the very practical business of putting up the tent in a hurricane of wind and building a fire for the stew-pot. It remained, just enough to bother and perplex, and to rob a most delightful camping-ground of a good portion of its charm. To my companion, however, I said nothing, for he was a man I considered devoid of imagination. In the first place, I could never have explained to him what I meant, and in the second, he would have laughed stupidly at me if I had.

There was a slight depression in the center of the island, and here we pitched the tent. The surrounding willows broke the wind a bit.

"A poor camp," observed the imperturbable Swede when at last the tent stood upright, "no stones and precious little firewood. I'm for moving on early tomorrow—eh? This sand won't hold anything."

But the experience of a collapsing tent at midnight had taught us many devices, and we made the cozy gipsy house as safe as possible, and then set about collecting a store of wood to last till bed-time. Willow bushes drop no branches, and driftwood was our only source of supply. We hunted the shores pretty thoroughly. Everywhere the banks were crumbling as the rising flood tore at them and carried away great portions with a splash and a gurgle.

"The island's much smaller than when we landed," said the accurate Swede. "It won't last long at this rate. We'd better drag the canoe close to the tent, and be ready to start at a moment's notice. I shall sleep in my clothes."

He was a little distance off, climbing along the bank, and I heard his rather jolly laugh as he spoke.

"By Jove!" I heard him call, a moment later, and turned to see what had caused his exclamation. But for the moment he was hidden by the willows, and I could not find him.

"What in the world's this?" I heard him cry again, and this time his voice had become serious.

I ran up quickly and joined him on the bank. He was looking over the river, pointing at something in the water.

"Good heavens, it's a man's body!" he cried excitedly. "Look!"

A black thing, turning over and over in the foaming waves, swept rapidly past. It kept disappearing and coming up to the surface again. It was about twenty feet from the shore, and just as it was opposite to where we stood it lurched round and looked straight at us. We saw its eyes reflecting the sunset, and gleaming an odd yellow as the body turned over. Then it gave a swift, gulping plunge, and dived out of sight in a flash.

"An otter, by gad!" we exclaimed in the same breath, laughing.

It was an otter, alive, and out on the hunt; yet it had looked exactly like the body of a drowned man turning helplessly in the current. Far below it came to the surface once again, and we saw its black skin, wet and shining in the sunlight.

Then, too, just as we turned back, our arms full of driftwood, another thing happened to recall us to the river bank. This time it really was a man, and what was more, a man in a boat. Now a small boat on the Danube was an unusual sight at any time, but here in this deserted

region, and at flood time, it was so unexpected as to constitute a real event. We stood and stared.

Whether it was due to the slanting sunlight, or the refraction from the wonderfully illumined water, I cannot say, but, whatever the cause, I found it difficult to focus my sight properly upon the flying apparition. It seemed, however, to be a man standing upright in a sort of flat-bottomed boat, steering with a long oar, and being carried down the opposite shore at a tremendous pace. He apparently was looking across in our direction, but the distance was too great and the light too uncertain for us to make out very plainly what he was about. It seemed to me that he was gesticulating and making signs at us. His voice came across the water to us shouting something furiously, but the wind drowned it so that no single word was audible. There was something curious about the whole appearance—man, boat, signs, voice—that made an impression on me out of all proportion to its cause.

"He's crossing himself!" I cried. "Look, he's making the sign of the Cross!"

"I believe you're right," the Swede said, shading his eyes with his hand and watching the man out of sight. He seemed to be gone in a moment, melting away down there into the sea of willows where the sun caught them in the bend of the river and turned them into a great crimson wall of beauty. Mist, too, had begun to ruse, so that the air was hazy.

"But what in the world is he doing at nightfall on this flooded river?" I said, half to myself. "Where is he going at such a time, and what did he mean by his signs and shouting? D'you think he wished to warn us about something?"

"He saw our smoke, and thought we were spirits probably," laughed my companion. "These Hungarians believe in all sorts of rubbish; you remember the shopwoman at Pressburg warning us that no one ever landed here because it belonged to some sort of beings outside man's world! I suppose they believe in fairies and elementals, possibly demons, too. That peasant in the boat saw people on the islands for the first time in his life," he added, after a slight pause, "and it scared him, that's all."

The Swede's tone of voice was not convincing, and his manner lacked something that was usually there. I noted the change instantly

while he talked, though without being able to label it precisely.

"If they had enough imagination," I laughed loudly—I remember trying to make as much noise as I could—"they might well people a place like this with the old gods of antiquity. The Romans must have haunted all this region more or less with their shrines and sacred groves and elemental deities."

The subject dropped and we returned to our stew-pot, for my friend was not given to imaginative conversation as a rule. Moreover, just then I remember feeling distinctly glad that he was not imaginative; his stolid, practical nature suddenly seemed to me welcome and comforting. It was an admirable temperament, I felt; he could steer down rapids like a red Indian, shoot dangerous bridges and whirlpools better than any white man I ever saw in a canoe. He was a grand fellow for an adventurous trip, a tower of strength when untoward things happened. I looked at his strong face and light curly hair as he staggered along under his pile of driftwood (twice the size of mine!), and I experienced a feeling of relief. Yes, I was distinctly glad just then that the Swede was—what he was, and that he never made remarks that suggested more than they said.

"The river's still rising, though," he added, as if following out some thoughts of his own, and dropping his load with a gasp. "This island will be under water in two days if it goes on."

"I wish the wind would go down," I said. "I don't care a fig for the river."

The flood, indeed, had no terrors for us; we could get off at ten minutes' notice, and the more water the better we liked it. It meant an increasing current and the obliteration of the treacherous shingle-beds that so often threatened to tear the bottom out of our canoe.

Contrary to our expectations, the wind did not go down with the sun. It seemed to increase with the darkness, howling overhead and shaking the willows round us like straws. Curious sounds accompanied it sometimes, like the explosion of heavy guns, and it fell upon the water and the island in great flat blows of immense power. It made me think of the sounds a planet must make, could we only hear it, driving along through space.

But the sky kept wholly clear of clouds, and soon after supper the full moon rose up in the east and covered the river and the plain of

shouting willows with a light like the day.

We lay on the sandy patch beside the fire, smoking, listening to the noises of the night round us, and talking happily of the journey we had already made, and of our plans ahead. The map lay spread in the door of the tent, but the high wind made it hard to study, and presently we lowered the curtain and extinguished the lantern. The firelight was enough to smoke and see each other's faces by, and the sparks flew about overhead like fireworks. A few yards beyond, the river gurgled and hissed, and from time to time a heavy splash announced the falling away of further portions of the bank.

Our talk, I noticed, had to do with the faraway scenes and incidents of our first camps in the Black Forest, or of other subjects altogether remote from the present setting, for neither of us spoke of the actual moment more than was necessary—almost as though we had agreed tacitly to avoid discussion of the camp and its incidents. Neither the otter nor the boatman, for instance, received the honor of a single mention, though ordinarily these would have furnished discussion for the greater part of the evening. They were, of course, distinct events in such a place.

The scarcity of wood made it a business to keep the fire going, for the wind, that drove the smoke in our faces wherever we sat, helped at the same time to make a forced draught. We took it in turn to make some foraging expeditions into the darkness, and the quantity the Swede brought back always made me feel that he took an absurdly long time finding it; for the fact was I did not care much about being left alone, and yet it always seemed to be my turn to grub about among the bushes or scramble along the slippery banks in the moonlight. The long day's battle with wind and water—such wind and such water!—had tired us both, and an early bed was the obvious program. Yet neither of us made the move for the tent. We lay there, tending the fire, talking in desultory fashion, peering about us into the dense willow bushes, and listening to the thunder of wind and river. The loneliness of the place had entered our very bones, and silence seemed natural, for after a bit the sound of our voices became a trifle unreal and forced; whispering would have been the fitting mode of communication, I felt, and the human voice, always rather absurd amid the roar of the elements, now carried with it something almost illegitimate. It was like talking out

loud in church, or in some place where it was not lawful, perhaps not quite safe, to be overheard.

The eeriness of this lonely island, set among a million willows, swept by a hurricane, and surrounded by hurrying deep waters, touched us both, I fancy. Untrodden by man, almost unknown to man, it lay there beneath the moon, remote from human influence, on the frontier of another world, an alien world, a world tenanted by willows only and the souls of willows. And we, in our rashness, had dared to invade it, even to make use of it! Something more than the power of its mystery stirred in me as I lay on the sand, feet to fire, and peered up through the leaves at the stars. For the last time I rose to get firewood.

"When this has burnt up," I said firmly, "I shall turn in," and my companion watched me lazily as I moved off into the surrounding shadows.

For an unimaginative man I thought he seemed unusually receptive that night, unusually open to suggestion of things other than sensory. He too was touched by the beauty and loneliness of the place. I was not altogether pleased, I remember, to recognize this slight change in him, and instead of immediately collecting sticks, I made my way to the far point of the island where the moonlight on plain and river could be seen to better advantage. The desire to be alone had come suddenly upon me; my former dread returned in force; there was a vague feeling in me I wished to face and probe to the bottom.

When I reached the point of sand jutting out among the waves, the spell of the place descended upon me with a positive shock. No mere "scenery" could have produced such an effect. There was something more here, something to alarm.

I gazed across the waste of wild waters; I watched the whispering willows; I heard the ceaseless beating of the tireless wind; and, one and all, each in its own way, stirred in me this sensation of a strange distress. But the willows especially; for ever they went on chattering and talking among themselves, laughing a little, shrilly crying out, sometimes sighing—but what it was they made so much to-do about belonged to the secret life of the great plain they inhabited. And it was utterly alien to the world I knew, or to that of the wild yet kindly elements. They made me think of a host of beings from another plane of life, another evolution altogether, perhaps, all discussing a mystery

known only to themselves. I watched them moving busily together, oddly shaking their big bushy heads, twirling their myriad leaves even when there was no wind. They moved of their own will as though alive, and they touched, by some incalculable method, my own keen sense of the horrible.

There they stood in the moonlight, like a vast army surrounding our camp, shaking their innumerable silver spears defiantly, formed all ready for an attack.

The psychology of places, for some imaginations at least, is very vivid; for the wanderer, especially, camps have their "note" either of welcome or rejection. At first it may not always be apparent, because the busy preparations of tent and cooking prevent, but with the first pause—after supper usually—it comes and announces itself. And the note of this willow-camp now became unmistakably plain to me; we were interlopers, trespassers; we were not welcomed. The sense of unfamiliarity grew upon me as I stood there watching. We touched the frontier of a region where our presence was resented. For a night's lodging we might perhaps be tolerated; but for a prolonged and inquisitive stay—No! by all the gods of the trees and wilderness, no! We were the first human influences upon this island, and we were not wanted. The willows were against us.

Strange thoughts like these, bizarre fancies, borne I know not whence, found lodgment in my mind as I stood listening. What, I thought, if, after all, these crouching willows proved to be alive; if suddenly they should rise up, like a swarm of living creatures, marshaled by the gods whose territory we had invaded, sweep towards us off the vast swamps, booming overhead in the night—and then settle down! As I looked it was so easy to imagine they actually moved, crept nearer, retreated a little, huddled together in masses, hostile, waiting for the great wind that should finally start them a-running. I could have sworn their aspect changed a little, and their ranks deepened and pressed more closely together.

The melancholy shrill cry of a night-bird sounded overhead, and suddenly I nearly lost my balance as the piece of bank I stood upon fell with a great splash into the river, undermined by the flood. I stepped back just in time, and went on hunting for firewood again, half laughing at the odd fancies that crowded so thickly into my mind and cast their

spell upon me. I recalled the Swede's remark about moving on next day, and I was just thinking that I fully agreed with him, when I turned with a start and saw the subject of my thoughts standing immediately in front of me. He was quite close. The roar of the elements had covered his approach.



## CHAPTER II

---

"You've been gone so long," he shouted above the wind, "I thought something must have happened to you."

But there was that in his tone, and a certain look in his face as well, that conveyed to me more than his usual words, and in a flash I understood the real reason for his coming. It was because the spell of the place had entered his soul too, and he did not like being alone.

"River still rising," he cried, pointing to the flood in the moonlight, "and the wind's simply awful."

He always said the same things, but it was the cry for companionship that gave the real importance to his words.

"Lucky," I cried back, "our tent's in the hollow. I think it'll hold all right." I added something about the difficulty of finding wood, in order to explain my absence, but the wind caught my words and flung them across the river, so that he did not hear, but just looked at me through the branches, nodding his head.

"Lucky if we get away without disaster!" he shouted, or words to that effect; and I remember feeling half angry with him for putting the thought into words, for it was exactly what I felt myself. There was disaster impending somewhere, and the sense of presentiment lay unpleasantly upon me.

We went back to the fire and made a final blaze, poking it up with our feet. We took a last look round. But for the wind the heat would have been unpleasant. I put this thought into words, and I remember

my friend's reply struck me oddly: that he would rather have the heat, the ordinary July weather, than this "diabolical wind."

Everything was snug for the night; the canoe lying turned over beside the tent, with both yellow paddles beneath her; the provision sack hanging from a willow-stem, and the washed-up dishes removed to a safe distance from the fire, all ready for the morning meal.

We smothered the embers of the fire with sand, and then turned in. The flap of the tent door was up, and I saw the branches and the stars and the white moonlight. The shaking willows and the heavy buffetings of the wind against our taut little house were the last things I remembered as sleep came down and covered all with its soft and delicious forgetfulness.

Suddenly I found myself lying awake, peering from my sandy mattress through the door of the tent. I looked at my watch pinned against the canvas, and saw by the bright moonlight that it was past twelve o'clock—the threshold of a new day—and I had therefore slept a couple of hours. The Swede was asleep still beside me; the wind howled as before; something plucked at my heart and made me feel afraid. There was a sense of disturbance in my immediate neighborhood.

I sat up quickly and looked out. The trees were swaying violently to and fro as the gusts smote them, but our little bit of green canvas lay snugly safe in the hollow, for the wind passed over it without meeting enough resistance to make it vicious. The feeling of disquietude did not pass, however, and I crawled quietly out of the tent to see if our belongings were safe. I moved carefully so as not to waken my companion. A curious excitement was on me.

I was half-way out, kneeling on all fours, when my eye first took in that the tops of the bushes opposite, with their moving tracery of leaves, made shapes against the sky. I sat back on my haunches and stared. It was incredible, surely, but there, opposite and slightly above me, were shapes of some indeterminate sort among the willows, and as the branches swayed in the wind they seemed to group themselves about these shapes, forming a series of monstrous outlines that shifted rapidly beneath the moon. Close, about fifty feet in front of me, I saw these things.

My first instinct was to waken my companion, that he too might see them, but something made me hesitate—the sudden realization,

probably, that I should not welcome corroboration; and meanwhile I crouched there staring in amazement with smarting eyes. I was wide awake. I remember saying to myself that I was not dreaming.

They first became properly visible, these huge figures, just within the tops of the bushes—immense, bronze-colored, moving, and wholly independent of the swaying of the branches. I saw them plainly and noted, now I came to examine them more calmly, that they were very much larger than human, and indeed that something in their appearance proclaimed them to be not human at all. Certainly they were not merely the moving tracery of the branches against the moonlight. They shifted independently. They rose upwards in a continuous stream from earth to sky, vanishing utterly as soon as they reached the dark of the sky. They were interlaced one with another, making a great column, and I saw their limbs and huge bodies melting in and out of each other, forming this serpentine line that bent and swayed and twisted spirally with the contortions of the wind-tossed trees. They were nude, fluid shapes, passing up the bushes, within the leaves almost—rising up in a living column into the heavens. Their faces I never could see. Unceasingly they poured upwards, swaying in great bending curves, with a hue of dull bronze upon their skins.

I stared, trying to force every atom of vision from my eyes. For a long time I thought they must every moment disappear and resolve themselves into the movements of the branches and prove to be an optical illusion. I searched everywhere for a proof of reality, when all the while I understood quite well that the standard of reality had changed. For the longer I looked the more certain I became that these figures were real and living, though perhaps not according to the standards that the camera and the biologist would insist upon.

Far from feeling fear, I was possessed with a sense of awe and wonder such as I have never known. I seemed to be gazing at the personified elemental forces of this haunted and primeval region. Our intrusion had stirred the powers of the place into activity. It was we who were the cause of the disturbance, and my brain filled to bursting with stories and legends of the spirits and deities of places that have been acknowledged and worshipped by men in all ages of the world's history. But, before I could arrive at any possible explanation, something impelled me to go farther out, and I crept forward on the

sand and stood upright. I felt the ground still warm under my bare feet; the wind tore at my hair and face; and the sound of the river burst upon my ears with a sudden roar. These things, I knew, were real, and proved that my senses were acting normally. Yet the figures still rose from earth to heaven, silent, majestically, in a great spiral of grace and strength that overwhelmed me at length with a genuine deep emotion of worship. I felt that I must fall down and worship—absolutely worship.

Perhaps in another minute I might have done so, when a gust of wind swept against me with such force that it blew me sideways, and I nearly stumbled and fell. It seemed to shake the dream violently out of me. At least it gave me another point of view somehow. The figures still remained, still ascended into heaven from the heart of the night, but my reason at last began to assert itself. It must be a subjective experience, I argued—none the less real for that, but still subjective. The moonlight and the branches combined to work out these pictures upon the mirror of my imagination, and for some reason I projected them outwards and made them appear objective. I knew this must be the case, of course. I took courage, and began to move forward across the open patches of sand. By Jove, though, was it all hallucination? Was it merely subjective? Did not my reason argue in the old futile way from the little standard of the known?

I only know that great column of figures ascended darkly into the sky for what seemed a very long period of time, and with a very complete measure of reality as most men are accustomed to gauge reality. Then suddenly they were gone!

And, once they were gone and the immediate wonder of their great presence had passed, fear came down upon me with a cold rush. The esoteric meaning of this lonely and haunted region suddenly flamed up within me, and I began to tremble dreadfully. I took a quick look round—a look of horror that came near to panic—calculating vainly ways of escape; and then, realizing how helpless I was to achieve anything really effective, I crept back silently into the tent and lay down again upon my sandy mattress, first lowering the door-curtain to shut out the sight of the willows in the moonlight, and then burying my head as deeply as possible beneath the blankets to deaden the sound of the terrifying wind.

As though further to convince me that I had not been dreaming, I remember that it was a long time before I fell again into a troubled and restless sleep; and even then only the upper crust of me slept, and underneath there was something that never quite lost consciousness, but lay alert and on the watch.

But this second time I jumped up with a genuine start of terror. It was neither the wind nor the river that woke me, but the slow approach of something that caused the sleeping portion of me to grow smaller and smaller till at last it vanished altogether, and I found myself sitting bolt upright—listening.

Outside there was a sound of multitudinous little patterings. They had been coming, I was aware, for a long time, and in my sleep they had first become audible. I sat there nervously wide awake as though I had not slept at all. It seemed to me that my breathing came with difficulty, and that there was a great weight upon the surface of my body. In spite of the hot night, I felt clammy with cold and shivered. Something surely was pressing steadily against the sides of the tent and weighing down upon it from above. Was it the body of the wind? Was this the pattering rain, the dripping of the leaves? The spray blown from the river by the wind and gathering in big drops? I thought quickly of a dozen things.

Then suddenly the explanation leaped into my mind: a bough from the poplar, the only large tree on the island, had fallen with the wind. Still half caught by the other branches, it would fall with the next gust and crush us, and meanwhile its leaves brushed and tapped upon the tight canvas surface of the tent. I raised a loose flap and rushed out, calling to the Swede to follow.

But when I got out and stood upright I saw that the tent was free. There was no hanging bough; there was no rain or spray; nothing approached.

A cold, grey light filtered down through the bushes and lay on the faintly gleaming sand. Stars still crowded the sky directly overhead, and the wind howled magnificently, but the fire no longer gave out any glow, and I saw the east reddening in streaks through the trees. Several hours must have passed since I stood there before watching the ascending figures, and the memory of it now came back to me horribly, like an evil dream. Oh, how tired it made me feel, that ceaseless raging wind! Yet, though the deep lassitude of a sleepless night was on me, my nerves

were tingling with the activity of an equally tireless apprehension, and all idea of repose was out of the question. The river I saw had risen further. Its thunder filled the air, and a fine spray made itself felt through my thin sleeping shirt.

Yet nowhere did I discover the slightest evidence of anything to cause alarm. This deep, prolonged disturbance in my heart remained wholly unaccounted for.

My companion had not stirred when I called him, and there was no need to waken him now. I looked about me carefully, noting everything; the turned-over canoe; the yellow paddles—two of them, I'm certain; the provision sack and the extra lantern hanging together from the tree; and, crowding everywhere about me, enveloping all, the willows, those endless, shaking willows. A bird uttered its morning cry, and a string of duck passed with whirring flight overhead in the twilight. The sand whirled, dry and stinging, about my bare feet in the wind.

I walked round the tent and then went out a little way into the bush, so that I could see across the river to the farther landscape, and the same profound yet indefinable emotion of distress seized upon me again as I saw the interminable sea of bushes stretching to the horizon, looking ghostly and unreal in the wan light of dawn. I walked softly here and there, still puzzling over that odd sound of infinite pattering, and of that pressure upon the tent that had wakened me. It must have been the wind, I reflected—the wind bearing upon the loose, hot sand, driving the dry particles smartly against the taut canvas—the wind dropping heavily upon our fragile roof.

Yet all the time my nervousness and malaise increased appreciably.

I crossed over to the farther shore and noted how the coast-line had altered in the night, and what masses of sand the river had torn away. I dipped my hands and feet into the cool current, and bathed my forehead. Already there was a glow of sunrise in the sky and the exquisite freshness of coming day. On my way back I passed purposely beneath the very bushes where I had seen the column of figures rising into the air, and midway among the clumps I suddenly found myself overtaken by a sense of vast terror. From the shadows a large figure went swiftly by. Someone passed me, as sure as ever man did....

It was a great staggering blow from the wind that helped me forward again, and once out in the more open space, the sense of terror diminished strangely. The winds were about and walking, I remember saying to myself, for the winds often move like great presences under the trees. And altogether the fear that hovered about me was such an unknown and immense kind of fear, so unlike anything I had ever felt before, that it woke a sense of awe and wonder in me that did much to counteract its worst effects; and when I reached a high point in the middle of the island from which I could see the wide stretch of river, crimson in the sunrise, the whole magical beauty of it all was so overpowering that a sort of wild yearning woke in me and almost brought a cry up into the throat.

But this cry found no expression, for as my eyes wandered from the plain beyond to the island round me and noted our little tent half hidden among the willows, a dreadful discovery leaped out at me, compared to which my terror of the walking winds seemed as nothing at all.

For a change, I thought, had somehow come about in the arrangement of the landscape. It was not that my point of vantage gave me a different view, but that an alteration had apparently been effected in the relation of the tent to the willows, and of the willows to the tent. Surely the bushes now crowded much closer—unnecessarily, unpleasantly close. They had moved nearer.

Creeping with silent feet over the shifting sands, drawing imperceptibly nearer by soft, unhurried movements, the willows had come closer during the night. But had the wind moved them, or had they moved of themselves? I recalled the sound of infinite small patterings and the pressure upon the tent and upon my own heart that caused me to wake in terror. I swayed for a moment in the wind like a tree, finding it hard to keep my upright position on the sandy hillock. There was a suggestion here of personal agency, of deliberate intention, of aggressive hostility, and it terrified me into a sort of rigidity.

Then the reaction followed quickly. The idea was so bizarre, so absurd, that I felt inclined to laugh. But the laughter came no more readily than the cry, for the knowledge that my mind was so receptive to such dangerous imaginings brought the additional terror that it was

through our minds and not through our physical bodies that the attack would come, and was coming.

The wind buffeted me about, and, very quickly it seemed, the sun came up over the horizon, for it was after four o'clock, and I must have stood on that little pinnacle of sand longer than I knew, afraid to come down to close quarters with the willows. I returned quietly, creepily, to the tent, first taking another exhaustive look round and—yes, I confess it—making a few measurements. I paced out on the warm sand the distances between the willows and the tent, making a note of the shortest distance particularly.

I crawled stealthily into my blankets. My companion, to all appearances, still slept soundly, and I was glad that this was so. Provided my experiences were not corroborated, I could find strength somehow to deny them, perhaps. With the daylight I could persuade myself that it was all a subjective hallucination, a fantasy of the night, a projection of the excited imagination.

Nothing further came in to disturb me, and I fell asleep almost at once, utterly exhausted, yet still in dread of hearing again that weird sound of multitudinous pattering, or of feeling the pressure upon my heart that had made it difficult to breathe.

The sun was high in the heavens when my companion woke me from a heavy sleep and announced that the porridge was cooked and there was just time to bathe. The grateful smell of frizzling bacon entered the tent door.

"River still rising," he said, "and several islands out in mid-stream have disappeared altogether. Our own island's much smaller."

"Any wood left?" I asked sleepily.

"The wood and the island will finish tomorrow in a dead heat," he laughed, "but there's enough to last us till then."

I plunged in from the point of the island, which had indeed altered a lot in size and shape during the night, and was swept down in a moment to the landing-place opposite the tent. The water was icy, and the banks flew by like the country from an express train. Bathing under such conditions was an exhilarating operation, and the terror of the night seemed cleansed out of me by a process of evaporation in the brain. The sun was blazing hot; not a cloud showed itself anywhere; the wind, however, had not abated one little jot.



Quite suddenly then the implied meaning of the Swede's words flashed across me, showing that he no longer wished to leave post-haste, and had changed his mind. "Enough to last till tomorrow"—he assumed we should stay on the island another night. It struck me as odd. The night before he was so positive the other way. How had the change come about?

Great crumbings of the banks occurred at breakfast, with heavy splashings and clouds of spray which the wind brought into our frying-pan, and my fellow-traveler talked incessantly about the difficulty the Vienna-Pesth steamers must have to find the channel in flood. But the state of his mind interested and impressed me far more than the state of the river or the difficulties of the steamers. He had changed somehow since the evening before. His manner was different—a trifle excited, a trifle shy, with a sort of suspicion about his voice and gestures. I hardly know how to describe it now in cold blood, but at the time I remember being quite certain of one thing—that he had become frightened?

He ate very little breakfast, and for once omitted to smoke his pipe. He had the map spread open beside him, and kept studying its markings.

"We'd better get off sharp in an hour," I said presently, feeling for an opening that must bring him indirectly to a partial confession at any rate. And his answer puzzled me uncomfortably: "Rather! If they'll let us."

"Who'll let us? The elements?" I asked quickly, with affected indifference.

"The powers of this awful place, whoever they are," he replied, keeping his eyes on the map. "The gods are here, if they are anywhere at all in the world."

"The elements are always the true immortals," I replied, laughing as naturally as I could manage, yet knowing quite well that my face reflected my true feelings when he looked up gravely at me and spoke across the smoke:

"We shall be fortunate if we get away without further disaster."

This was exactly what I had dreaded, and I screwed myself up to the point of the direct question. It was like agreeing to allow the dentist

to extract the tooth; it had to come anyhow in the long run, and the rest was all pretence.

"Further disaster! Why, what's happened?"

"For one thing—the steering paddle's gone," he said quietly.

"The steering paddle gone!" I repeated, greatly excited, for this was our rudder, and the Danube in flood without a rudder was suicide. "But what—"

"And there's a tear in the bottom of the canoe," he added, with a genuine little tremor in his voice.

I continued staring at him, able only to repeat the words in his face somewhat foolishly. There, in the heat of the sun, and on this burning sand, I was aware of a freezing atmosphere descending round us. I got up to follow him, for he merely nodded his head gravely and led the way towards the tent a few yards on the other side of the fireplace. The canoe still lay there as I had last seen her in the night, ribs uppermost, the paddles, or rather, the paddle, on the sand beside her.

"There's only one," he said, stooping to pick it up. "And here's the rent in the base-board."

It was on the tip of my tongue to tell him that I had clearly noticed two paddles a few hours before, but a second impulse made me think better of it, and I said nothing. I approached to see.

There was a long, finely made tear in the bottom of the canoe where a little slither of wood had been neatly taken clean out; it looked as if the tooth of a sharp rock or snag had eaten down her length, and investigation showed that the hole went through. Had we launched out in her without observing it we must inevitably have foundered. At first the water would have made the wood swell so as to close the hole, but once out in mid-stream the water must have poured in, and the canoe, never more than two inches above the surface, would have filled and sunk very rapidly.

"There, you see an attempt to prepare a victim for the sacrifice," I heard him saying, more to himself than to me, "two victims rather," he added as he bent over and ran his fingers along the slit.

I began to whistle—a thing I always do unconsciously when utterly nonplussed—and purposely paid no attention to his words. I was determined to consider them foolish.

"It wasn't there last night," he said presently, straightening up from his examination and looking anywhere but at me.

"We must have scratched her in landing, of course," I stopped whistling to say. "The stones are very sharp."

I stopped abruptly, for at that moment he turned round and met my eye squarely. I knew just as well as he did how impossible my explanation was. There were no stones, to begin with.

"And then there's this to explain too," he added quietly, handing me the paddle and pointing to the blade.

A new and curious emotion spread freezingly over me as I took and examined it. The blade was scraped down all over, beautifully scraped, as though someone had sand-papered it with care, making it so thin that the first vigorous stroke must have snapped it off at the elbow.

"One of us walked in his sleep and did this thing," I said feebly, "or—or it has been filed by the constant stream of sand particles blown against it by the wind, perhaps."

"Ah," said the Swede, turning away, laughing a little, "you can explain everything."

"The same wind that caught the steering paddle and flung it so near the bank that it fell in with the next lump that crumbled," I called out after him, absolutely determined to find an explanation for everything he showed me.

"I see," he shouted back, turning his head to look at me before disappearing among the willow bushes.

Once alone with these perplexing evidences of personal agency, I think my first thoughts took the form of "One of us must have done this thing, and it certainly was not I." But my second thought decided how impossible it was to suppose, under all the circumstances, that either of us had done it. That my companion, the trusted friend of a dozen similar expeditions, could have knowingly had a hand in it, was a suggestion not to be entertained for a moment. Equally absurd seemed the explanation that this imperturbable and densely practical nature had suddenly become insane and was busied with insane purposes.

Yet the fact remained that what disturbed me most, and kept my fear actively alive even in this blaze of sunshine and wild beauty, was the clear certainty that some curious alteration had come about in his

mind—that he was nervous, timid, suspicious, aware of goings on he did not speak about, watching a series of secret and hitherto unmentionable events—waiting, in a word, for a climax that he expected, and, I thought, expected very soon. This grew up in my mind intuitively—I hardly knew how.

I made a hurried examination of the tent and its surroundings, but the measurements of the night remained the same. There were deep hollows formed in the sand I now noticed for the first time, basin-shaped and of various depths and sizes, varying from that of a tea-cup to a large bowl. The wind, no doubt, was responsible for these miniature craters, just as it was for lifting the paddle and tossing it towards the water. The rent in the canoe was the only thing that seemed quite inexplicable; and, after all, it was conceivable that a sharp point had caught it when we landed. The examination I made of the shore did not assist this theory, but all the same I clung to it with that diminishing portion of my intelligence which I called my "reason." An explanation of some kind was an absolute necessity, just as some working explanation of the universe is necessary—however absurd—to the happiness of every individual who seeks to do his duty in the world and face the problems of life. The simile seemed to me at the time an exact parallel.

I at once set the pitch melting, and presently the Swede joined me at the work, though under the best conditions in the world the canoe could not be safe for traveling till the following day. I drew his attention casually to the hollows in the sand.

"Yes," he said, "I know. They're all over the island. But you can explain them, no doubt!"

"Wind, of course," I answered without hesitation. "Have you never watched those little whirlwinds in the street that twist and twirl everything into a circle? This sand's loose enough to yield, that's all."

He made no reply, and we worked on in silence for a bit. I watched him surreptitiously all the time, and I had an idea he was watching me. He seemed, too, to be always listening attentively to something I could not hear, or perhaps for something that he expected to hear, for he kept turning about and staring into the bushes, and up into the sky, and out across the water where it was visible through the openings among the willows. Sometimes he even put his hand to his ear and held it there for

several minutes. He said nothing to me, however, about it, and I asked no questions. And meanwhile, as he mended that torn canoe with the skill and address of a red Indian, I was glad to notice his absorption in the work, for there was a vague dread in my heart that he would speak of the changed aspect of the willows. And, if he had noticed that, my imagination could no longer be held a sufficient explanation of it.

## CHAPTER III

---

At length, after a long pause, he began to talk.

"Queer thing," he added in a hurried sort of voice, as though he wanted to say something and get it over. "Queer thing. I mean, about that otter last night."

I had expected something so totally different that he caught me with surprise, and I looked up sharply.

"Shows how lonely this place is. Otters are awfully shy things—"

"I don't mean that, of course," he interrupted. "I mean—do you think—did you think it really was an otter?"

"What else, in the name of Heaven, what else?"

"You know, I saw it before you did, and at first it seemed—so much bigger than an otter."

"The sunset as you looked up-stream magnified it, or something," I replied.

He looked at me absently a moment, as though his mind were busy with other thoughts.

"It had such extraordinary yellow eyes," he went on half to himself.

"That was the sun too," I laughed, a trifle boisterously. "I suppose you'll wonder next if that fellow in the boat—"

I suddenly decided not to finish the sentence. He was in the act again of listening, turning his head to the wind, and something in the expression of his face made me halt. The subject dropped, and we went on with our caulking. Apparently he had not noticed my unfinished

sentence. Five minutes later, however, he looked at me across the canoe, the smoking pitch in his hand, his face exceedingly grave.

"I did rather wonder, if you want to know," he said slowly, "what that thing in the boat was. I remember thinking at the time it was not a man. The whole business seemed to rise quite suddenly out of the water."

I laughed again boisterously in his face, but this time there was impatience, and a strain of anger too, in my feeling.

"Look here now," I cried, "this place is quite queer enough without going out of our way to imagine things! That boat was an ordinary boat, and the man in it was an ordinary man, and they were both going down-stream as fast as they could lick. And that otter was an otter, so don't let's play the fool about it!"

He looked steadily at me with the same grave expression. He was not in the least annoyed. I took courage from his silence.

"And, for Heaven's sake," I went on, "don't keep pretending you hear things, because it only gives me the jumps, and there's nothing to hear but the river and this cursed old thundering wind."

"You fool!" he answered in a low, shocked voice, "you utter fool. That's just the way all victims talk. As if you didn't understand just as well as I do!" he sneered with scorn in his voice, and a sort of resignation. "The best thing you can do is to keep quiet and try to hold your mind as firm as possible. This feeble attempt at self-deception only makes the truth harder when you're forced to meet it."

My little effort was over, and I found nothing more to say, for I knew quite well his words were true, and that I was the fool, not he. Up to a certain stage in the adventure he kept ahead of me easily, and I think I felt annoyed to be out of it, to be thus proved less psychic, less sensitive than himself to these extraordinary happenings, and half ignorant all the time of what was going on under my very nose. He knew from the very beginning, apparently. But at the moment I wholly missed the point of his words about the necessity of there being a victim, and that we ourselves were destined to satisfy the want. I dropped all pretence thenceforward, but thenceforward likewise my fear increased steadily to the climax.

"But you're quite right about one thing," he added, before the subject passed, "and that is that we're wiser not to talk about it, or even

to think about it, because what one thinks finds expression in words, and what one says, happens."

That afternoon, while the canoe dried and hardened, we spent trying to fish, testing the leak, collecting wood, and watching the enormous flood of rising water. Masses of driftwood swept near our shores sometimes, and we fished for them with long willow branches. The island grew perceptibly smaller as the banks were torn away with great gulps and splashes. The weather kept brilliantly fine till about four o'clock, and then for the first time for three days the wind showed signs of abating. Clouds began to gather in the south-west, spreading thence slowly over the sky.

This lessening of the wind came as a great relief, for the incessant roaring, banging, and thundering had irritated our nerves. Yet the silence that came about five o'clock with its sudden cessation was in a manner quite as oppressive. The booming of the river had everything in its own way then; it filled the air with deep murmurs, more musical than the wind noises, but infinitely more monotonous. The wind held many notes, rising, falling always beating out some sort of great elemental tune; whereas the river's song lay between three notes at most—dull pedal notes, that held a lugubrious quality foreign to the wind, and somehow seemed to me, in my then nervous state, to sound wonderfully well the music of doom.

It was extraordinary, too, how the withdrawal suddenly of bright sunlight took everything out of the landscape that made for cheerfulness; and since this particular landscape had already managed to convey the suggestion of something sinister, the change of course was all the more unwelcome and noticeable. For me, I know, the darkening outlook became distinctly more alarming, and I found myself more than once calculating how soon after sunset the full moon would get up in the east, and whether the gathering clouds would greatly interfere with her lighting of the little island.

With this general hush of the wind—though it still indulged in occasional brief gusts—the river seemed to me to grow blacker, the willows to stand more densely together. The latter, too, kept up a sort of independent movement of their own, rustling among themselves when no wind stirred, and shaking oddly from the roots upwards. When common objects in this way become charged with the suggestion of



horror, they stimulate the imagination far more than things of unusual appearance; and these bushes, crowding huddled about us, assumed for me in the darkness a bizarre grotesquerie of appearance that lent to them somehow the aspect of purposeful and living creatures. Their very ordinariness, I felt, masked what was malignant and hostile to us. The forces of the region drew nearer with the coming of night. They were focusing upon our island, and more particularly upon ourselves. For thus, somehow, in the terms of the imagination, did my really indescribable sensations in this extraordinary place present themselves.

I had slept a good deal in the early afternoon, and had thus recovered somewhat from the exhaustion of a disturbed night, but this only served apparently to render me more susceptible than before to the obsessing spell of the haunting. I fought against it, laughing at my feelings as absurd and childish, with very obvious physiological explanations, yet, in spite of every effort, they gained in strength upon me so that I dreaded the night as a child lost in a forest must dread the approach of darkness.

The canoe we had carefully covered with a waterproof sheet during the day, and the one remaining paddle had been securely tied by the Swede to the base of a tree, lest the wind should rob us of that too. From five o'clock onwards I busied myself with the stew-pot and preparations for dinner, it being my turn to cook that night. We had potatoes, onions, bits of bacon fat to add flavor, and a general thick residue from former stews at the bottom of the pot; with black bread broken up into it the result was most excellent, and it was followed by a stew of plums with sugar and a brew of strong tea with dried milk. A good pile of wood lay close at hand, and the absence of wind made my duties easy. My companion sat lazily watching me, dividing his attentions between cleaning his pipe and giving useless advice—an admitted privilege of the off-duty man. He had been very quiet all the afternoon, engaged in re-caulking the canoe, strengthening the tent ropes, and fishing for driftwood while I slept. No more talk about undesirable things had passed between us, and I think his only remarks had to do with the gradual destruction of the island, which he declared was not fully a third smaller than when we first landed.

The pot had just begun to bubble when I heard his voice calling to me from the bank, where he had wandered away without my noticing. I ran up.

"Come and listen," he said, "and see what you make of it." He held his hand cupwise to his ear, as so often before.

"Now do you hear anything?" he asked, watching me curiously.

We stood there, listening attentively together. At first I heard only the deep note of the water and the hissings rising from its turbulent surface. The willows, for once, were motionless and silent. Then a sound began to reach my ears faintly, a peculiar sound—something like the humming of a distant gong. It seemed to come across to us in the darkness from the waste of swamps and willows opposite. It was repeated at regular intervals, but it was certainly neither the sound of a bell nor the hooting of a distant steamer. I can liken it to nothing so much as to the sound of an immense gong, suspended far up in the sky, repeating incessantly its muffled metallic note, soft and musical, as it was repeatedly struck. My heart quickened as I listened.

"I've heard it all day," said my companion. "While you slept this afternoon it came all round the island. I hunted it down, but could never get near enough to see—to localize it correctly. Sometimes it was overhead, and sometimes it seemed under the water. Once or twice, too, I could have sworn it was not outside at all, but within myself—you know—the way a sound in the fourth dimension is supposed to come."

I was too much puzzled to pay much attention to his words. I listened carefully, striving to associate it with any known familiar sound I could think of, but without success. It changed in the direction, too, coming nearer, and then sinking utterly away into remote distance. I cannot say that it was ominous in quality, because to me it seemed distinctly musical, yet I must admit it set going a distressing feeling that made me wish I had never heard it.

"The wind blowing in those sand-funnels," I said determined to find an explanation, "or the bushes rubbing together after the storm perhaps."

"It comes off the whole swamp," my friend answered. "It comes from everywhere at once." He ignored my explanations. "It comes from the willow bushes somehow—"

"But now the wind has dropped," I objected. "The willows can hardly make a noise by themselves, can they?"

His answer frightened me, first because I had dreaded it, and secondly, because I knew intuitively it was true.

"It is because the wind has dropped we now hear it. It was drowned before.

It is the cry, I believe, of the—"

I dashed back to my fire, warned by the sound of bubbling that the stew was in danger, but determined at the same time to escape further conversation. I was resolute, if possible, to avoid the exchanging of views. I dreaded, too, that he would begin about the gods, or the elemental forces, or something else disquieting, and I wanted to keep myself well in hand for what might happen later. There was another night to be faced before we escaped from this distressing place, and there was no knowing yet what it might bring forth.

"Come and cut up bread for the pot," I called to him, vigorously stirring the appetizing mixture. That stew-pot held sanity for us both, and the thought made me laugh.

He came over slowly and took the provision sack from the tree, fumbling in its mysterious depths, and then emptying the entire contents upon the ground-sheet at his feet.

"Hurry up!" I cried; "it's boiling."

The Swede burst out into a roar of laughter that startled me. It was forced laughter, not artificial exactly, but mirthless.

"There's nothing here!" he shouted, holding his sides.

"Bread, I mean."

"It's gone. There is no bread. They've taken it!"

I dropped the long spoon and ran up. Everything the sack had contained lay upon the ground-sheet, but there was no loaf.

The whole dead weight of my growing fear fell upon me and shook me. Then I burst out laughing too. It was the only thing to do: and the sound of my laughter also made me understand his. The stain of psychical pressure caused it—this explosion of unnatural laughter in both of us; it was an effort of repressed forces to seek relief; it was a temporary safety-valve. And with both of us it ceased quite suddenly.

"How criminally stupid of me!" I cried, still determined to be consistent and find an explanation. "I clean forgot to buy a loaf at

Pressburg. That chattering woman put everything out of my head, and I must have left it lying on the counter or—"

"The oatmeal, too, is much less than it was this morning," the Swede interrupted.

Why in the world need he draw attention to it? I thought angrily.

"There's enough for tomorrow," I said, stirring vigorously, "and we can get lots more at Komorn or Gran. In twenty-four hours we shall be miles from here."

"I hope so—to God," he muttered, putting the things back into the sack, "unless we're claimed first as victims for the sacrifice," he added with a foolish laugh. He dragged the sack into the tent, for safety's sake, I suppose, and I heard him mumbling to himself, but so indistinctly that it seemed quite natural for me to ignore his words.

Our meal was beyond question a gloomy one, and we ate it almost in silence, avoiding one another's eyes, and keeping the fire bright. Then we washed up and prepared for the night, and, once smoking, our minds unoccupied with any definite duties, the apprehension I had felt all day long became more and more acute. It was not then active fear, I think, but the very vagueness of its origin distressed me far more than if I had been able to ticket and face it squarely. The curious sound I have likened to the note of a gong became now almost incessant, and filled the stillness of the night with a faint, continuous ringing rather than a series of distinct notes. At one time it was behind and at another time in front of us. Sometimes I fancied it came from the bushes on our left, and then again from the clumps on our right. More often it hovered directly overhead like the whirring of wings. It was really everywhere at once, behind, in front, at our sides and over our heads, completely surrounding us. The sound really defies description. But nothing within my knowledge is like that ceaseless muffled humming rising off the deserted world of swamps and willows.

We sat smoking in comparative silence, the strain growing every minute greater. The worst feature of the situation seemed to me that we did not know what to expect, and could therefore make no sort of preparation by way of defense. We could anticipate nothing. My explanations made in the sunshine, moreover, now came to haunt me with their foolish and wholly unsatisfactory nature, and it was more and more clear to us that some kind of plain talk with my companion

was inevitable, whether I liked it or not. After all, we had to spend the night together, and to sleep in the same tent side by side. I saw that I could not get along much longer without the support of his mind, and for that, of course, plain talk was imperative. As long as possible, however, I postponed this little climax, and tried to ignore or laugh at the occasional sentences he flung into the emptiness.

Some of these sentences, moreover, were confoundedly disquieting to me, coming as they did to corroborate much that I felt myself; corroboration, too—which made it so much more convincing—from a totally different point of view. He composed such curious sentences, and hurled them at me in such an inconsequential sort of way, as though his main line of thought was secret to himself, and these fragments were mere bits he found it impossible to digest. He got rid of them by uttering them. Speech relieved him. It was like being sick.

"There are things about us, I'm sure, that make for disorder, disintegration, destruction, our destruction," he said once, while the fire blazed between us. "We've strayed out of a safe line somewhere."

And, another time, when the gong sounds had come nearer, ringing much louder than before, and directly over our heads, he said as though talking to himself:

"I don't think a gramophone would show any record of that. The sound doesn't come to me by the ears at all. The vibrations reach me in another manner altogether, and seem to be within me, which is precisely how a fourth dimensional sound might be supposed to make itself heard."

I purposely made no reply to this, but I sat up a little closer to the fire and peered about me into the darkness. The clouds were massed all over the sky, and no trace of moonlight came through. Very still, too, everything was, so that the river and the frogs had things all their own way.

"It has that about it," he went on, "which is utterly out of common experience. It is unknown. Only one thing describes it really; it is a non-human sound; I mean a sound outside humanity."

Having rid himself of this indigestible morsel, he lay quiet for a time, but he had so admirably expressed my own feeling that it was a relief to have the thought out, and to have confined it by the limitation of words from dangerous wandering to and fro in the mind.

The solitude of that Danube camping-place, can I ever forget it? The feeling of being utterly alone on an empty planet! My thoughts ran incessantly upon cities and the haunts of men. I would have given my soul, as the saying is, for the "feel" of those Bavarian villages we had passed through by the score; for the normal, human commonplaces; peasants drinking beer, tables beneath the trees, hot sunshine, and a ruined castle on the rocks behind the red-roofed church. Even the tourists would have been welcome.

Yet what I felt of dread was no ordinary ghostly fear. It was infinitely greater, stranger, and seemed to arise from some dim ancestral sense of terror more profoundly disturbing than anything I had known or dreamed of. We had "strayed," as the Swede put it, into some region or some set of conditions where the risks were great, yet unintelligible to us; where the frontiers of some unknown world lay close about us. It was a spot held by the dwellers in some outer space, a sort of peep-hole whence they could spy upon the earth, themselves unseen, a point where the veil between had worn a little thin. As the final result of too long a sojourn here, we should be carried over the border and deprived of what we called "our lives," yet by mental, not physical, processes. In that sense, as he said, we should be the victims of our adventure—a sacrifice.

It took us in different fashion, each according to the measure of his sensitiveness and powers of resistance. I translated it vaguely into a personification of the mightily disturbed elements, investing them with the horror of a deliberate and malefic purpose, resentful of our audacious intrusion into their breeding-place; whereas my friend threw it into the unoriginal form at first of a trespass on some ancient shrine, some place where the old gods still held sway, where the emotional forces of former worshippers still clung, and the ancestral portion of him yielded to the old pagan spell.

At any rate, here was a place unpolluted by men, kept clean by the winds from coarsening human influences, a place where spiritual agencies were within reach and aggressive. Never, before or since, have I been so attacked by indescribable suggestions of a "beyond region," of another scheme of life, another revolution not parallel to the human. And in the end our minds would succumb under the weight of the awful spell, and we should be drawn across the frontier into their world.

Small things testified to the amazing influence of the place, and now in the silence round the fire they allowed themselves to be noted by the mind. The very atmosphere had proved itself a magnifying medium to distort every indication: the otter rolling in the current, the hurrying boatman making signs, the shifting willows, one and all had been robbed of its natural character, and revealed in something of its other aspect—as it existed across the border to that other region. And this changed aspect I felt was now not merely to me, but to the race. The whole experience whose verge we touched was unknown to humanity at all. It was a new order of experience, and in the true sense of the word unearthly.

"It's the deliberate, calculating purpose that reduces one's courage to zero," the Swede said suddenly, as if he had been actually following my thoughts. "Otherwise imagination might count for much. But the paddle, the canoe, the lessening food—"

"Haven't I explained all that once?" I interrupted viciously.

"You have," he answered dryly; "you have indeed."

He made other remarks too, as usual, about what he called the "plain determination to provide a victim"; but, having now arranged my thoughts better, I recognized that this was simply the cry of his frightened soul against the knowledge that he was being attacked in a vital part, and that he would be somehow taken or destroyed. The situation called for a courage and calmness of reasoning that neither of us could compass, and I have never before been so clearly conscious of two persons in me—the one that explained everything, and the other that laughed at such foolish explanations, yet was horribly afraid.

Meanwhile, in the pitchy night the fire died down and the wood pile grew small. Neither of us moved to replenish the stock, and the darkness consequently came up very close to our faces. A few feet beyond the circle of firelight it was inky black. Occasionally a stray puff of wind set the willows shivering about us, but apart from this not very welcome sound a deep and depressing silence reigned, broken only by the gurgling of the river and the humming in the air overhead.

We both missed, I think, the shouting company of the winds.

At length, at a moment when a stray puff prolonged itself as though the wind were about to rise again, I reached the point for me of saturation, the point where it was absolutely necessary to find relief in

plain speech, or else to betray myself by some hysterical extravagance that must have been far worse in its effect upon both of us. I kicked the fire into a blaze, and turned to my companion abruptly. He looked up with a start.

"I can't disguise it any longer," I said; "I don't like this place, and the darkness, and the noises, and the awful feelings I get. There's something here that beats me utterly. I'm in a blue funk, and that's the plain truth. If the other shore was—different, I swear I'd be inclined to swim for it!"

The Swede's face turned very white beneath the deep tan of sun and wind. He stared straight at me and answered quietly, but his voice betrayed his huge excitement by its unnatural calmness. For the moment, at any rate, he was the strong man of the two. He was more phlegmatic, for one thing.

"It's not a physical condition we can escape from by running away," he replied, in the tone of a doctor diagnosing some grave disease; "we must sit tight and wait. There are forces close here that could kill a herd of elephants in a second as easily as you or I could squash a fly. Our only chance is to keep perfectly still. Our insignificance perhaps may save us."

I put a dozen questions into my expression of face, but found no words. It was precisely like listening to an accurate description of a disease whose symptoms had puzzled me.

"I mean that so far, although aware of our disturbing presence, they have not found us—not 'located' us, as the Americans say," he went on. "They're blundering about like men hunting for a leak of gas. The paddle and canoe and provisions prove that. I think they feel us, but cannot actually see us. We must keep our minds quiet—it's our minds they feel. We must control our thoughts, or it's all up with us."

"Death, you mean?" I stammered, icy with the horror of his suggestion.

"Worse—by far," he said. "Death, according to one's belief, means either annihilation or release from the limitations of the senses, but it involves no change of character. You don't suddenly alter just because the body's gone. But this means a radical alteration, a complete change, a horrible loss of oneself by substitution—far worse than death, and not even annihilation. We happen to have camped in a spot where their



region touches ours, where the veil between has worn thin"—horrors! he was using my very own phrase, my actual words—"so that they are aware of our being in their neighborhood."

"But who are aware?" I asked.

I forgot the shaking of the willows in the windless calm, the humming overhead, everything except that I was waiting for an answer that I dreaded more than I can possibly explain.

He lowered his voice at once to reply, leaning forward a little over the fire, an indefinable change in his face that made me avoid his eyes and look down upon the ground.

"All my life," he said, "I have been strangely, vividly conscious of another region—not far removed from our own world in one sense, yet wholly different in kind—where great things go on unceasingly, where immense and terrible personalities hurry by, intent on vast purposes compared to which earthly affairs, the rise and fall of nations, the destinies of empires, the fate of armies and continents, are all as dust in the balance; vast purposes, I mean, that deal directly with the soul, and not indirectly with more expressions of the soul—"

"I suggest just now—" I began, seeking to stop him, feeling as though I was face to face with a madman. But he instantly overbore me with his torrent that had to come.

"You think," he said, "it is the spirit of the elements, and I thought perhaps it was the old gods. But I tell you now it is—neither. These would be comprehensible entities, for they have relations with men, depending upon them for worship or sacrifice, whereas these beings who are now about us have absolutely nothing to do with mankind, and it is mere chance that their space happens just at this spot to touch our own."

The mere conception, which his words somehow made so convincing, as I listened to them there in the dark stillness of that lonely island, set me shaking a little all over. I found it impossible to control my movements.

"And what do you propose?" I began again.

"A sacrifice, a victim, might save us by distracting them until we could get away," he went on, "just as the wolves stop to devour the dogs and give the sleigh another start. But—I see no chance of any other victim now."

I stared blankly at him. The gleam in his eye was dreadful.  
Presently he continued.

## CHAPTER IV

---

"It's the willows, of course. The willows mask the others, but the others are feeling about for us. If we let our minds betray our fear, we're lost, lost utterly." He looked at me with an expression so calm, so determined, so sincere, that I no longer had any doubts as to his sanity. He was as sane as any man ever was. "If we can hold out through the night," he added, "we may get off in the daylight unnoticed, or rather, undiscovered."

"But you really think a sacrifice would—"

That gong-like humming came down very close over our heads as I spoke, but it was my friend's scared face that really stopped my mouth.

"Hush!" he whispered, holding up his hand. "Do not mention them more than you can help. Do not refer to them by name. To name is to reveal; it is the inevitable clue, and our only hope lies in ignoring them, in order that they may ignore us."

"Even in thought?" He was extraordinarily agitated.

"Especially in thought. Our thoughts make spirals in their world. We must keep them out of our minds at all costs if possible."

I raked the fire together to prevent the darkness having everything its own way. I never longed for the sun as I longed for it then in the awful blackness of that summer night.

"Were you awake all last night?" he went on suddenly.

"I slept badly a little after dawn," I replied evasively, trying to follow his instructions, which I knew instinctively were true, "but the

wind, of course—"

"I know. But the wind won't account for all the noises."

"Then you heard it too?"

"The multiplying countless little footsteps I heard," he said, adding, after a moment's hesitation, "and that other sound—"

"You mean above the tent, and the pressing down upon us of something tremendous, gigantic?"

He nodded significantly.

"It was like the beginning of a sort of inner suffocation?" I said.

"Partly, yes. It seemed to me that the weight of the atmosphere had been altered—had increased enormously, so that we should have been crushed."

"And that," I went on, determined to have it all out, pointing upwards where the gong-like note hummed ceaselessly, rising and falling like wind. "What do you make of that?"

"It's their sound," he whispered gravely. "It's the sound of their world, the humming in their region. The division here is so thin that it leaks through somehow. But, if you listen carefully, you'll find it's not above so much as around us. It's in the willows. It's the willows themselves humming, because here the willows have been made symbols of the forces that are against us."

I could not follow exactly what he meant by this, yet the thought and idea in my mind were beyond question the thought and idea in his. I realized what he realized, only with less power of analysis than his. It was on the tip of my tongue to tell him at last about my hallucination of the ascending figures and the moving bushes, when he suddenly thrust his face again close into mine across the firelight and began to speak in a very earnest whisper. He amazed me by his calmness and pluck, his apparent control of the situation. This man I had for years deemed unimaginative, stolid!

"Now listen," he said. "The only thing for us to do is to go on as though nothing had happened, follow our usual habits, go to bed, and so forth; pretend we feel nothing and notice nothing. It is a question wholly of the mind, and the less we think about them the better our chance of escape. Above all, don't think, for what you think happens!"

"All right," I managed to reply, simply breathless with his words and the strangeness of it all; "all right, I'll try, but tell me one more thing

first. Tell me what you make of those hollows in the ground all about us, those sand-funnels?"

"No!" he cried, forgetting to whisper in his excitement. "I dare not, simply dare not, put the thought into words. If you have not guessed I am glad. Don't try to. They have put it into my mind; try your hardest to prevent their putting it into yours."

He sank his voice again to a whisper before he finished, and I did not press him to explain. There was already just about as much horror in me as I could hold. The conversation came to an end, and we smoked our pipes busily in silence.

Then something happened, something unimportant apparently, as the way is when the nerves are in a very great state of tension, and this small thing for a brief space gave me an entirely different point of view. I chanced to look down at my sand-shoe—the sort we used for the canoe—and something to do with the hole at the toe suddenly recalled to me the London shop where I had bought them, the difficulty the man had in fitting me, and other details of the uninteresting but practical operation. At once, in its train, followed a wholesome view of the modern skeptical world I was accustomed to move in at home. I thought of roast beef, and ale, motor-cars, policemen, brass bands, and a dozen other things that proclaimed the soul of ordinariness or utility. The effect was immediate and astonishing even to myself. Psychologically, I suppose, it was simply a sudden and violent reaction after the strain of living in an atmosphere of things that to the normal consciousness must seem impossible and incredible. But, whatever the cause, it momentarily lifted the spell from my heart, and left me for the short space of a minute feeling free and utterly unafraid. I looked up at my friend opposite.

"You damned old pagan!" I cried, laughing aloud in his face. "You imaginative idiot! You superstitious idolater! You—"

I stopped in the middle, seized anew by the old horror. I tried to smother the sound of my voice as something sacrilegious. The Swede, of course, heard it too—the strange cry overhead in the darkness—and that sudden drop in the air as though something had come nearer.

He had turned ashen white under the tan. He stood bolt upright in front of the fire, stiff as a rod, staring at me.

"After that," he said in a sort of helpless, frantic way, "we must go! We can't stay now; we must strike camp this very instant and go on—down the river."

He was talking, I saw, quite wildly, his words dictated by abject terror—the terror he had resisted so long, but which had caught him at last.

"In the dark?" I exclaimed, shaking with fear after my hysterical outburst, but still realizing our position better than he did. "Sheer madness! The river's in flood, and we've only got a single paddle. Besides, we only go deeper into their country! There's nothing ahead for fifty miles but willows, willows, willows!"

He sat down again in a state of semi-collapse. The positions, by one of those kaleidoscopic changes nature loves, were suddenly reversed, and the control of our forces passed over into my hands. His mind at last had reached the point where it was beginning to weaken.

"What on earth possessed you to do such a thing?" he whispered with the awe of genuine terror in his voice and face.

I crossed round to his side of the fire. I took both his hands in mine, kneeling down beside him and looking straight into his frightened eyes.

"We'll make one more blaze," I said firmly, "and then turn in for the night. At sunrise we'll be off full speed for Komorn. Now, pull yourself together a bit, and remember your own advice about not thinking fear!"

He said no more, and I saw that he would agree and obey. In some measure, too, it was a sort of relief to get up and make an excursion into the darkness for more wood. We kept close together, almost touching, groping among the bushes and along the bank. The humming overhead never ceased, but seemed to me to grow louder as we increased our distance from the fire. It was shivery work!

We were grubbing away in the middle of a thickish clump of willows where some driftwood from a former flood had caught high among the branches, when my body was seized in a grip that made me half drop upon the sand. It was the Swede. He had fallen against me, and was clutching me for support. I heard his breath coming and going in short gasps.

"Look! By my soul!" he whispered, and for the first time in my experience I knew what it was to hear tears of terror in a human voice. He was pointing to the fire, some fifty feet away. I followed the direction of his finger, and I swear my heart missed a beat.

There, in front of the dim glow, something was moving.

I saw it through a veil that hung before my eyes like the gauze drop-curtain used at the back of a theater—hazily a little. It was neither a human figure nor an animal. To me it gave the strange impression of being as large as several animals grouped together, like horses, two or three, moving slowly. The Swede, too, got a similar result, though expressing it differently, for he thought it was shaped and sized like a clump of willow bushes, rounded at the top, and moving all over upon its surface—"coiling upon itself like smoke," he said afterwards.

"I watched it settle downwards through the bushes," he sobbed at me. "Look, by God! It's coming this way! Oh, oh!"—he gave a kind of whistling cry. "They've found us."

I gave one terrified glance, which just enabled me to see that the shadowy form was swinging towards us through the bushes, and then I collapsed backwards with a crash into the branches. These failed, of course, to support my weight, so that with the Swede on top of me we fell in a struggling heap upon the sand. I really hardly knew what was happening. I was conscious only of a sort of enveloping sensation of icy fear that plucked the nerves out of their fleshly covering, twisted them this way and that, and replaced them quivering. My eyes were tightly shut; something in my throat choked me; a feeling that my consciousness was expanding, extending out into space, swiftly gave way to another feeling that I was losing it altogether, and about to die.

An acute spasm of pain passed through me, and I was aware that the Swede had hold of me in such a way that he hurt me abominably. It was the way he caught at me in falling.

But it was the pain, he declared afterwards, that saved me; it caused me to forget them and think of something else at the very instant when they were about to find me. It concealed my mind from them at the moment of discovery, yet just in time to evade their terrible seizing of me. He himself, he says, actually swooned at the same moment, and that was what saved him.

I only know that at a later date, how long or short is impossible to say, I found myself scrambling up out of the slippery network of willow branches, and saw my companion standing in front of me holding out a hand to assist me. I stared at him in a dazed way, rubbing the arm he had twisted for me. Nothing came to me to say, somehow.

"I lost consciousness for a moment or two," I heard him say. "That's what saved me. It made me stop thinking about them."

"You nearly broke my arm in two," I said, uttering my only connected thought at the moment. A numbness came over me.

"That's what saved you!" he replied. "Between us, we've managed to set them off on a false tack somewhere. The humming has ceased. It's gone—for the moment at any rate!"

A wave of hysterical laughter seized me again, and this time spread to my friend too—great healing gusts of shaking laughter that brought a tremendous sense of relief in their train. We made our way back to the fire and put the wood on so that it blazed at once. Then we saw that the tent had fallen over and lay in a tangled heap upon the ground.

We picked it up, and during the process tripped more than once and caught our feet in sand.

"It's those sand-funnels," exclaimed the Swede, when the tent was up again and the firelight lit up the ground for several yards about us. "And look at the size of them!"

All round the tent and about the fireplace where we had seen the moving shadows there were deep funnel-shaped hollows in the sand, exactly similar to the ones we had already found over the island, only far bigger and deeper, beautifully formed, and wide enough in some instances to admit the whole of my foot and leg.

Neither of us said a word. We both knew that sleep was the safest thing we could do, and to bed we went accordingly without further delay, having first thrown sand on the fire and taken the provision sack and the paddle inside the tent with us. The canoe, too, we propped in such a way at the end of the tent that our feet touched it, and the least motion would disturb and wake us.

In case of emergency, too, we again went to bed in our clothes, ready for a sudden start.



It was my firm intention to lie awake all night and watch, but the exhaustion of nerves and body decreed otherwise, and sleep after a while came over me with a welcome blanket of oblivion. The fact that my companion also slept quickened its approach. At first he fidgeted and constantly sat up, asking me if I "heard this" or "heard that." He tossed about on his cork mattress, and said the tent was moving and the river had risen over the point of the island, but each time I went out to look I returned with the report that all was well, and finally he grew calmer and lay still. Then at length his breathing became regular and I heard unmistakable sounds of snoring—the first and only time in my life when snoring has been a welcome and calming influence.

This, I remember, was the last thought in my mind before dozing off.

A difficulty in breathing woke me, and I found the blanket over my face. But something else besides the blanket was pressing upon me, and my first thought was that my companion had rolled off his mattress on to my own in his sleep. I called to him and sat up, and at the same moment it came to me that the tent was surrounded. That sound of multitudinous soft pattering was again audible outside, filling the night with horror.

I called again to him, louder than before. He did not answer, but I missed the sound of his snoring, and also noticed that the flap of the tent was down. This was the unpardonable sin. I crawled out in the darkness to hook it back securely, and it was then for the first time I realized positively that the Swede was not here. He had gone.

I dashed out in a mad run, seized by a dreadful agitation, and the moment I was out I plunged into a sort of torrent of humming that surrounded me completely and came out of every quarter of the heavens at once. It was that same familiar humming—gone mad! A swarm of great invisible bees might have been about me in the air. The sound seemed to thicken the very atmosphere, and I felt that my lungs worked with difficulty.

But my friend was in danger, and I could not hesitate.

The dawn was just about to break, and a faint whitish light spread upwards over the clouds from a thin strip of clear horizon. No wind stirred. I could just make out the bushes and river beyond, and the pale sandy patches. In my excitement I ran frantically to and fro about the

island, calling him by name, shouting at the top of my voice the first words that came into my head. But the willows smothered my voice, and the humming muffled it, so that the sound only traveled a few feet round me. I plunged among the bushes, tripping headlong, tumbling over roots, and scraping my face as I tore this way and that among the preventing branches.

Then, quite unexpectedly, I came out upon the island's point and saw a dark figure outlined between the water and the sky. It was the Swede. And already he had one foot in the river! A moment more and he would have taken the plunge.

I threw myself upon him, flinging my arms about his waist and dragging him shorewards with all my strength. Of course he struggled furiously, making a noise all the time just like that cursed humming, and using the most outlandish phrases in his anger about "going inside to Them," and "taking the way of the water and the wind," and God only knows what more besides, that I tried in vain to recall afterwards, but which turned me sick with horror and amazement as I listened. But in the end I managed to get him into the comparative safety of the tent, and flung him breathless and cursing upon the mattress where I held him until the fit had passed.

I think the suddenness with which it all went and he grew calm, coinciding as it did with the equally abrupt cessation of the humming and pattering outside—I think this was almost the strangest part of the whole business perhaps. For he had just opened his eyes and turned his tired face up to me so that the dawn threw a pale light upon it through the doorway, and said, for all the world just like a frightened child:

"My life, old man—it's my life I owe you. But it's all over now anyhow.

They've found a victim in our place!"

Then he dropped back upon his blankets and went to sleep literally under my eyes. He simply collapsed, and began to snore again as healthily as though nothing had happened and he had never tried to offer his own life as a sacrifice by drowning. And when the sunlight woke him three hours later—hours of ceaseless vigil for me—it became so clear to me that he remembered absolutely nothing of what he had attempted to do, that I deemed it wise to hold my peace and ask no dangerous questions.

He woke naturally and easily, as I have said, when the sun was already high in a windless hot sky, and he at once got up and set about the preparation of the fire for breakfast. I followed him anxiously at bathing, but he did not attempt to plunge in, merely dipping his head and making some remark about the extra coldness of the water.

"River's falling at last," he said, "and I'm glad of it."

"The humming has stopped too," I said.

He looked up at me quietly with his normal expression. Evidently he remembered everything except his own attempt at suicide.

"Everything has stopped," he said, "because—"

He hesitated. But I knew some reference to that remark he had made just before he fainted was in his mind, and I was determined to know it.

"Because 'They've found another victim'?" I said, forcing a little laugh.

"Exactly," he answered, "exactly! I feel as positive of it as though—as though—I feel quite safe again, I mean," he finished.

He began to look curiously about him. The sunlight lay in hot patches on the sand. There was no wind. The willows were motionless. He slowly rose to feet.

"Come," he said; "I think if we look, we shall find it."

He started off on a run, and I followed him. He kept to the banks, poking with a stick among the sandy bays and caves and little backwaters, myself always close on his heels.

"Ah!" he exclaimed presently, "ah!"

The tone of his voice somehow brought back to me a vivid sense of the horror of the last twenty-four hours, and I hurried up to join him. He was pointing with his stick at a large black object that lay half in the water and half on the sand. It appeared to be caught by some twisted willow roots so that the river could not sweep it away. A few hours before the spot must have been under water.

"See," he said quietly, "the victim that made our escape possible!"

And when I peered across his shoulder I saw that his stick rested on the body of a man. He turned it over. It was the corpse of a peasant, and the face was hidden in the sand. Clearly the man had been drowned, but a few hours before, and his body must have been swept

down upon our island somewhere about the hour of the dawn—at the very time the fit had passed.

"We must give it a decent burial, you know."

"I suppose so," I replied. I shuddered a little in spite of myself, for there was something about the appearance of that poor drowned man that turned me cold.

The Swede glanced up sharply at me, an undecipherable expression on his face, and began clambering down the bank. I followed him more leisurely. The current, I noticed, had torn away much of the clothing from the body, so that the neck and part of the chest lay bare.

Halfway down the bank my companion suddenly stopped and held up his hand in warning; but either my foot slipped, or I had gained too much momentum to bring myself quickly to a halt, for I bumped into him and sent him forward with a sort of leap to save himself. We tumbled together on to the hard sand so that our feet splashed into the water. And, before anything could be done, we had collided a little heavily against the corpse.

The Swede uttered a sharp cry. And I sprang back as if I had been shot.

At the moment we touched the body there rose from its surface the loud sound of humming—the sound of several hummings—which passed with a vast commotion as of winged things in the air about us and disappeared upwards into the sky, growing fainter and fainter till they finally ceased in the distance. It was exactly as though we had disturbed some living yet invisible creatures at work.

My companion clutched me, and I think I clutched him, but before either of us had time properly to recover from the unexpected shock, we saw that a movement of the current was turning the corpse round so that it became released from the grip of the willow roots. A moment later it had turned completely over, the dead face uppermost, staring at the sky. It lay on the edge of the main stream. In another moment it would be swept away.

The Swede started to save it, shouting again something I did not catch about a "proper burial"—and then abruptly dropped upon his knees on the sand and covered his eyes with his hands. I was beside him in an instant.

I saw what he had seen.

For just as the body swung round to the current the face and the exposed chest turned full towards us, and showed plainly how the skin and flesh were indented with small hollows, beautifully formed, and exactly similar in shape and kind to the sand-funnels that we had found all over the island.

"Their mark!" I heard my companion mutter under his breath.  
"Their awful mark!"

And when I turned my eyes again from his ghastly face to the river, the current had done its work, and the body had been swept away into mid-stream and was already beyond our reach and almost out of sight, turning over and over on the waves like an otter.